

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

Pós-Graduação em Educação Especial

**A Aquisição das Consoantes Oclusivas,
no Português Europeu
em crianças dos 24 aos 36 meses**

Discente: Vanda Assunção

Porto

Dezembro, 2008

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti
Pós-Graduação em Educação Especial

**A Aquisição das Consoantes Oclusivas
no Português Europeu
em crianças até aos 3 anos de idade**

Discente: Vanda Assunção

Orientadora: Prof. Doutora Rosa Maria Lima

Porto

Dezembro, 2008

Agradecimentos

Aos meus pais.

Ao meu marido, pela força e toda a ajuda prestada.

À Doutora Rosa Lima, os meus profundos agradecimentos e também a expressão da minha estima e do meu maior respeito, pela disponibilidade e extrema competência.

Índice Geral

Introdução.....	8
------------------------	----------

Parte I -Enquadramento Teórico

1– A emergência da linguagem no contexto de pressupostos teóricos explicativos.....	10
--	-----------

1.1- Definição da linguagem.....	11
----------------------------------	----

1.2- Funções da linguagem.....	12
--------------------------------	----

1.3-Teorias de Aquisição da Linguagem.....	14
--	----

1.3.1-Teoria Inatista.....	15
----------------------------	----

1.3.2-Teoria Comportamentalista.....	16
--------------------------------------	----

1.3.3-Teoria Desenvolvimentista.....	16
--------------------------------------	----

1.3.4-Teoria Interaccionista.....	17
-----------------------------------	----

1.4- Aquisição da Linguagem.....	18
----------------------------------	----

1.4.1-Período Pré-Verbal (0-12 meses).....	19
--	----

1.4.2-Período Verbal – Básico (1 aos 5 anos).....	21
---	----

1.5- Características Comunicativas e Linguísticas dos 24 aos 36 meses.....	22
--	----

2- Cérebro e a Linguagem.....	27
--------------------------------------	-----------

3- Processos e Dimensões Linguísticas.....	29
---	-----------

3.1-Fonética.....	30
-------------------	----

3.2-Fonologia.....	30
--------------------	----

3.3-Semântica.....	31
--------------------	----

3.4-Morfologia.....	31
---------------------	----

3.5-Sintaxe.....	31
------------------	----

3.6-Pragmática.....	32
4-Dimensão Fonética – Fonológica.....	33
5-Articulação e Estrutura Vocal.....	35
6-Classificação das Consoantes.....	37
6.1-Modo de Articulação.....	37
6.2-Ponto de Articulação.....	40
6.3-Função das Cordas Vocais.....	42
6.4-Função das cavidades Oral e Nasal.....	43
7-Processos de Simplificação.....	45
7.1-Omissão.....	46
7.2-Substituição.....	46
7.3-Harmonia Consonantal.....	47
7.4-Metátese.....	47
8-Universalidade no modo de aquisição da Fonologia.....	49
 Parte II- Componente Empírica	
1-Procedimentos Metodológicos.....	53
2-Definição do Objecto e Tema do Trabalho.....	55
2.1-Variáveis Independentes.....	55
2.2-Variáveis Dependentes.....	55
2.3-Amostra.....	56

3-Instrumento.....	57
3.1-Descrição do Instrumento.....	59
3.2-Análise e Interpretação dos Dados.....	60
Considerações Finais.....	67
Bibliografia.....	68

Introdução

Este trabalho de projecto foi elaborado, no âmbito da Pós – Graduação em Educação Especial, da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti e foi orientado pela Doutora Rosa Lima.

A temática - alvo em análise é a linguagem e a relação existente entre o desenvolvimento fonológico e a aquisição das consoantes oclusivas em crianças dos 24 aos 36 meses.

Deste modo, a problemática em causa permite-nos formular uma questão, voltada para a compreensão ou explicação da mesma:

- De que forma, se processa a aquisição das consoantes oclusivas, no Português Europeu, em crianças dos 24 aos 36 meses.

A linguagem constitui um dos mais potentes instrumentos ao serviço da comunicação humana.

A aquisição e desenvolvimento da linguagem seguem um caminho paralelo com outras áreas do desenvolvimento, tais como a cognição, a socialização e a autonomia.

A especificidade deste sistema de comunicação é responsável pela constatação da universalidade do processo de aquisição da linguagem, qualquer que seja o grupo social e geográfico de origem das crianças.

Com este trabalho, interessa-nos observar/ analisar se as crianças da amostra seleccionada produzem ou não as consoantes oclusivas, nas diferentes faixas etárias (24,30,36 meses).

Importa salientar que o período dos 0 aos 3 anos é crucial para o desenvolvimento linguístico, pois, aqui se verificam todas as etapas do desenvolvimento da linguagem que vão permitir à criança munir-se das competências necessárias para, a partir dos 3 anos e meio ser capaz de dominar a estrutura da língua alvo, capaz de falar inteligivelmente sem grandes falhas sintácticas (Lima, 2000).

O crescimento linguístico da criança obedece a uma evolução que se enquadre dentro de princípios genéricos do desenvolvimento e que se materializa em aquisições geradoras de alterações entre a programação genética e a imersão num meio linguístico.

A emergência da fonologia infantil constitui o primeiro indicador do desenvolvimento linguístico da criança. A fonologia significa “saber o que se pode dizer” (que elementos e regras / princípios integram o sistema linguístico) e, em última instância, “saber o que é relevante dizer” Lima (2005:315).

Em idades pré – escolares as diferenças inter – individuais são mais evidentes do que noutros períodos de desenvolvimento e, é muito importante que se identifiquem cedo, porque uma dificuldade de aprendizagem com 3, 4 ou 5 anos pode ser melhor superada com uma intervenção precoce compensatória habitualmente mais eficaz do que aos 8 ou 9 anos quando a criança já tem maturação neurológica menos flexível e uma estrutura mais complexa de resistências emocionais. A prevenção que se pode fazer na educação pré-escolar no âmbito dos processos pré e pós – linguísticos, pode ser muito mais rentável que os custos e as despesas que advêm do insucesso escolar posterior.

Como tal e sendo este projecto no âmbito da linguagem, o tema que pretendemos apresentar refere-se ao contributo para uma visão do desenvolvimento fonológico infantil do Português Europeu, sendo o seu objecto de estudo a aquisição das consoantes oclusivas em crianças dos 24 aos 36 meses.

Este plano, está dividido em duas partes. Na primeira faremos um enquadramento teórico do tema em estudo, onde serão abordados conceitos sobre a emergência da linguagem segundo vários pressupostos teóricos (definição da linguagem, função da linguagem, teorias de aquisição da linguagem); aquisição da linguagem infantil e características comunicativas e linguística dos 24 aos 36 meses; o cérebro e a linguagem; processos e dimensões linguísticas, dimensão fonética – fonológica; articulação e estrutura vocal; classificação das consoantes, processos de simplificação; universalidade no modo de aquisição da fonologia.

Na segunda parte, abordaremos os procedimentos metodológicos que foram utilizados na pesquisa: definição do objectivo e tema do trabalho; instrumento utilizado para a avaliação e análise dos dados obtidos para a primeira variável.

Parte I – Enquadramento Teórico

1-A emergência da linguagem no contexto de pressupostos teóricos explicativos

1.1– Definição de linguagem

A linguagem é «um conjunto complexo de processos – resultado de uma certa actividade psíquica profundamente determinada pela vida social - que torna possível a aquisição e o emprego concreto de uma língua qualquer».

Usa-se também o termo para designar todo o sistema de sinais que serve de meio de comunicação entre indivíduos. Desde que se atribua valor convencional a determinado sinal, existe uma linguagem.

A linguagem é assim, um sistema constituído por elementos que podem ser gestos, sinais, sons, símbolos ou palavras, que são usados para representar conceitos de comunicação, ideias, significados e pensamentos.

Neste contexto, podemos então dizer, que esta capacidade verbal, ou não verbal é um dos maiores atributos do homem que o distingue do animal.

A linguagem mantém uma estreita relação com as áreas cognitiva, social e emocional. Vários autores têm manifestado a relação entre pensamento e linguagem, dos quais se podem referir clássicos Piaget, Chomsky, Vigotsky e Luria, entre outros.

Segundo Piaget (1967) “ (...), quanto mais refinadas forem as estruturas do pensamento tanto mais necessária se torna a linguagem. (...), a linguagem é uma condição necessária no âmbito da construção das operações lógicas”, isto é, a linguagem é fundamental para a elaboração do raciocínio / pensamento.

Por conseguinte, “ a linguagem é uma forma de comportamento usada pelos seres humanos num contexto social para comunicar entre si necessidades, ideias e emoções” (Labov,1972)

Qualquer linguagem é um sistema usado por um grupo de pessoas para dar significado a sons, palavras, gestos ou outros símbolos, permitindo-lhes comunicar entre si. Pode ser oral, escrita ou gestual, pois a comunicação pode revestir várias formas.

A linguagem desempenha um papel primordial no desenvolvimento social, afectivo e intelectual da criança, fornecendo-lhe um meio efectivo de comunicação.

Ao comunicar por meio da linguagem, a criança estrutura as suas ideias e emoções e vai aprendendo as regras dessa linguagem.

De todas as linguagens, a oral é o sistema mais usual de comunicação. No entanto, convém, diferenciar entre linguagem e fala. A linguagem oral é mais do que um inventário de palavras; é um jogo que obedece a regras complexas e precisas. A fala, por sua vez, refere-se às actividades de articulação e ordenação dos sons para produzir palavras e sequências de palavras.

Em síntese, podemos afirmar que a linguagem, como comunicação verbal, é um sistema complexo de símbolos e regras de organização e uso desses símbolos, utilizada por todos os seres humanos comunicarem entre si, organizarem o pensamento e armazenarem informação. A especificidade deste sistema é responsável pela constatação da universalidade do processo de aquisição da linguagem, qualquer que seja o grupo social e geográfico de origem das crianças.

O crescimento linguístico da criança obedece a uma evolução que se enquadra dentro dos princípios genéricos do desenvolvimento humano e que se materializa em aquisições geradoras de alterações qualitativas de desempenho. Tais alterações são o resultado da interacção entre a programação genética e a emersão num meio linguístico. (Sim – Sim, Desenvolvimento da Linguagem)

1.2-Funções da linguagem

Halliday (1975), defende que a linguagem deve ser encarada na totalidade das suas funções. Num dos seus artigos, Halliday elabora um conjunto de funções da linguagem presentes na concepção da linguagem que a criança constrói na fase que aprende a falar.

São sete as funções que o autor enumera e identifica-as através de duas designações, a segunda das quais procura reconstituir a expressão que a própria criança lhe associa:

1-Função *instrumental* («I want»), relacionada com a satisfação de necessidades imediatas

2- Função *reguladora* («Do as I tell you»), relacionada com o controlo de si mesmo e dos outros

- 3- Função *interactiva* («Me and you»), relacionado com a partilha de saberes
- 4- Função *pessoal* (« Here I come»), enquanto expressão de opiniões, sentimentos, vivências
- 5- Função *heurística* (« Tell me Why»), enquanto actividade de conhecimento, interpelação e dúvida
- 6- Função *imaginativa ou criativa* («Let's pretend»),pretendendo superar a realidade imediata
- 7- Função *informativa* («I've got something to tell you»),resultante do intercâmbio de informação

No entanto, Jakobson, acrescenta às funções clássicas, consagradas por Bühler – *informativa, expressiva e apelativa* - as funções: *metalinguística, poética e fática*.

A função *metalinguística* é um desdobramento da função informativa ou referencial já que é a sua função dominante nos actos da fala em que a língua tem como referente a própria língua. A função poética, dominante nos actos de fala em que, usando a língua, se exprimem conteúdos emotivos (lúdico – afectivos) que têm como objecto a própria língua, constitui um desdobramento da função emotiva ou expressiva. A função *fática*, dominante nos actos de fala em que se usa a língua como forma de apelo a que se estabeleça e continue uma comunicação linguística, em que se fala para incitar a falar, constitui um desdobramento da função apelativa ou conativa.

Esta proposta, tem sido criticada devido às suas características limitativas, pois, não consegue abarcar a totalidade complexa das funções da linguagem, visto esta abordagem estar ligada a um esquema de comunicação linguística baseada na teoria da comunicação, deixando totalmente ausente as suas virtudes cognitivas da linguagem.

1.3- Teorias de Aquisição da linguagem

Ninguém adquire a linguagem de uma só vez ou apenas num período determinado da sua existência: ela desenvolve-se durante toda a vida do indivíduo e torna-se assim, «a aquisição da linguagem é, provavelmente, o mais impressionante empreendimento que o ser humano realiza durante a infância» (Sim – Sim, Duarte e Ferraz, Língua Materna na Educação Básica)

Embora esta afirmação não seja contestada os estudos que se ocupam da aquisição e do desenvolvimento da linguagem detém-se, no entanto, quase exclusivamente, sobre as etapas consideradas fundamentais para tal aquisição e desenvolvimento, a saber: período etário entre os primeiros meses de vida e a adolescência.

Desta forma, desde os anos cinquenta que têm surgido várias teorias relativamente à aquisição da linguagem.

Alguns autores defendem, que a linguagem é fruto duma aprendizagem apoiada em mecanismos de associação, imitação e reforço, estando o seu desenvolvimento dependente de estímulos e reforços ambientais. Outros consideram-na como fenómeno humano, natural, espontâneo, dependente, em grande parte, de capacidades inatas. Outros finalmente, postulam que o desenvolvimento da linguagem é um processo em que intervêm tanto os factores ambientais como os processos cognitivos de assimilação e de transformação (Lemer, 1988).

Embora, não haja ainda conhecimento exacto de como e porquê a criança adquire linguagem, de forma geral, é tido como certo, de que tem a ver com três factores: maturação física, desenvolvimento cognitivo e socialização. No entanto, o contributo particular de cada factor para esse processo, ainda é bastante discutido.

Assim, e segundo Ramiro Marques (1997), a forma como as crianças adquirem e desenvolvem a linguagem não é um assunto pacífico. As respostas dadas pelos investigadores a esta questão variam consoante as abordagens utilizadas. Há, alias, três grandes abordagens ao estudo do problema: a teoria maturacionista ou nativista, que tem Chomsky um dos seus expoentes; a teoria behaviorista, que se baseia sobretudo nos estudos de Skinner; a teoria desenvolvimentista que, radicando em Piaget; tem Brown e Cadzen os principais defensores.

1.3.1-Teoria Inatista

A hipótese inatista da aquisição da linguagem é uma teoria proposta por Chomsky, segundo a qual o ser humano nasce com capacidade inata no cérebro para adquirir linguagem da mesma forma como adquire o andar. A tarefa da criança será a de desenvolver a sua faculdade em função do ambiente que a rodeia e não apenas a de imitar o que ouve (Costa e Santos, 2003).

Chomsky aponta alguns argumentos fortes em defesa da sua teoria, sendo eles, o facto de os bebés terem a capacidade de produzir palavras ou frases que nunca ouviram antes. Se a aquisição fosse um processo meramente imitativo a criança não produziria essas mesmas frases. Assim como o facto de as crianças serem sistemáticas nos seus erros, se a criança estivesse apenas a imitar ela não deveria ser sistemática, nem manter-se assim durante um certo período do desenvolvimento (Costa e Santos, 2003).

Desta forma, Chomsky defende a universalidade e a sequencialidade a favor da sua hipótese inatista. Segundo Chomsky todas são crianças passam por fases semelhantes de aquisição da linguagem, independentemente da língua que estão a aprender, no entanto, isto não significa que todas as crianças passem pelas mesmas fases.

Este processo de aquisição, uma vez que a criança já possui capacidades inatas para analisar a estrutura da língua, é um processo rápido e simples.

Os recém- nascidos respondem à linguagem de formas sofisticadas, e distinguem nos primeiros meses sons muito parecidos, o que não seria possível sem a capacidade inata.

Por último podemos referir o facto de existir uma fase crítica para a aquisição da linguagem. Este argumento de que existe um período, que ocorre nos primeiros anos de vida, essencial para que a criança possa vir a falar, vem favorecer também a hipótese inatista.

Podemos afirmar, que para Chomsky os bebés já nascem predispostos para aprender a falar, e todos os argumentos referenciados anteriormente, só demonstram que o bebé não começa do nada (Costa e Santos, 2003).

Concluindo, a posição nativista de Chomsky atribui o desenvolvimento da linguagem às capacidades inatas da criança, que nasceria com as estruturas necessárias ao despertar da linguagem. Chomsky justifica as suas posições, afirmando que o desenvolvimento da linguagem é um processo natural que dispensa o ensaio e apenas exige tempo e condições normais (Marques, Ramiro; 1997).

1.3.2-Teoria Comportamentalista

A posição behaviorista tem sido divulgada sobretudo por Beker e Engelmann e baseia-se no pressuposto de que a linguagem é um comportamento verbal que se aprende por imitação de modelos dos adultos, graças sobretudo ao reforço. Para estes autores, a linguagem ensina-se corrigindo os erros com prontidão e colocando as crianças em contacto com formas correctas (Marques, Ramiro; 1997).

Por conseguinte, os comportamentalistas defendem que a aquisição da linguagem se desenvolve através de interacções sociais de tipo estímulo - resposta. Assim, os bebés aprendem a falar através da imitação daquilo que ouvem à sua volta. Para os comportamentalistas o processo de aquisição da língua reduz-se a um mero desenvolvimento de hábitos verbais reproduzidos por imitação. (Costa e Santos, 2003)

1.3.3-Teoria Desenvolvimentista

A posição desenvolvimentista «argumenta que a questão central do processo de aprendizagem da linguagem envolve descobrir e dominar certas regras abstractas ou gerais e não apenas a imitação de sons particulares que se ouvem» (Schachter, 1982, p.81)

Brown e Cazden (1981) justificam a sua posição, afirmando que as crianças produzem palavras e enunciados que nunca ouviram e compreendem frases que ouvem pela primeira vez. As crianças criam palavras novas com base na generalização abusiva das regras gramaticais e formulam hipóteses que vão sendo alteradas à medida que as crianças sentem a sua inadequação. A prova de que isto é assim, reside na forma como os pais reagem aos «erros» de linguagem da criança, ignorando os «erros» gramaticais e corrigindo as crianças apenas quando elas fogem à verdade dos factos. Para a abordagem desenvolvimentalista, a imitação é importante mas não é essencial e, ao contrário do que afirmam os autores behavioristas, a linguagem aprende-se mas não se ensina. Schachter (1982, p.82) sugere ainda «que as crianças aprendem o uso linguístico correcto porque são provavelmente melhor compreendidas assim e mais aptas a conseguirem a obter o que desejam. Na realidade, quando as crianças aprendem a linguagem, elas falam em primeiro lugar sobre o aqui e o agora, sobre o que estão a fazer na altura ou sobre o que está à sua volta, para que o significado do que elas dizem seja obvio a partir do contexto».

1.3.4-Teoria da Interaccionista

Muitos interaccionistas, baseando-se em algumas teorias como a do inatismo, defendem que, aliada a uma capacidade inata para adquirir linguagem, estão outros factores de natureza social que podem condicionar o comportamento linguístico e que produzem diferenças de criança para criança.

Alguns dos factores não linguísticos que podem interagir com o processo de aquisição são: os demográficos, como o sexo do bebé, ou se é primeiro ou segundo filho; características da personalidade, como timidez; factores sociais, como tipo de interacção com os adultos, necessidade de comunicação; ritmos individuais de desenvolvimento; entre muitos outros. (Costa e Santos, 2003)

Sendo assim, a teoria interacionista defende que a linguagem é aprendida e ensinada, através da interacção social, e que o contexto sócio - cultural determina o que será aprendido, e a forma como essas aprendizagens serão utilizadas para comunicar. É necessário percebermos que existem mecanismos inatos que tornam o processo da aquisição da língua mais simples, mas também há uma grande variedade de factores não linguísticos que interagem com esses mesmos mecanismos e que podem condicionar os comportamentos de cada individuo.

1.4- A aquisição da linguagem infantil

A linguagem é definida como uma ferramenta de comunicação do ser humano para interagir com o mundo e consigo próprio. A aquisição da linguagem na criança compreende um processo que se dá por etapas, cada qual caracterizado pelo surgimento de novas capacidades e aquisições fonéticas, sintáticas e semânticas. (Fig.1)

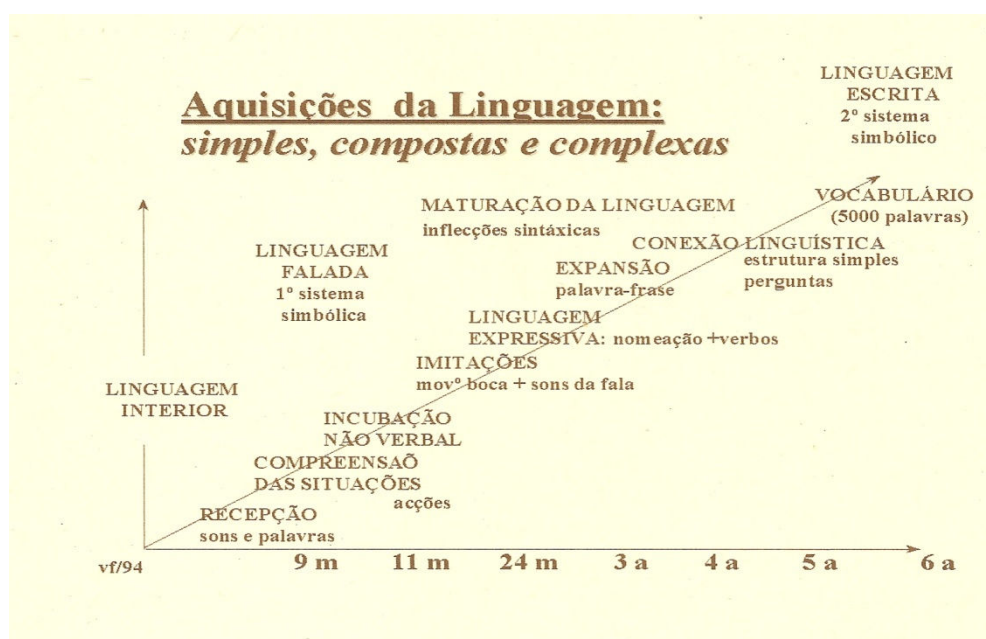


Fig.1- Aquisição da linguagem por etapas. (Fonseca, 1984,1987)

Estas etapas, embora não possam ser tomadas como regras no desenvolvimento de todas as crianças, podem servir como indícios e parâmetros a respeito da evolução da linguagem durante a infância. Embora existam diversas teorias que explicam o desenvolvimento da linguagem, sabemos que o seu processo depende de factores como a idade, envolvendo ainda: o nível de maturação do sistema nervoso, tanto central como periférico, relacionado com o desenvolvimento motor e do aparelho fonador; o desenvolvimento cognitivo, que se relaciona com a discriminação perceptual da linguagem falada e as funções dos processos de simbolização e do pensamento; os níveis de desenvolvimento nos campos social e emocional, ou seja, dos resultados obtidos através das interacções da criança e do seu meio.

Assim, existe uma questão de variabilidade relativamente ao processo de aquisição/ desenvolvimento linguístico infantil.

Boutton (1977) defendeu que a aquisição da linguagem na criança se faz ao longo de três etapas essenciais: pré – linguagem (0 aos 12/18 meses de idade), primeira linguagem (12/18 meses) linguagem (a partir dos 36 meses).

Autores como Del Rio & Vilaseca (1988), Cristal (1981) e Rondal (1984), distinguem quatro etapas do desenvolvimento e aquisição da linguagem: a) pré – linguagem (0 -12 meses), b) primeiro desenvolvimento sintáctico (12-18 meses), c) expansão gramatical (30-36 / 36-42 meses) e d) últimas aquisições (>54 meses).

Por sua vez, Ingram (1989) propõe-nos uma divisão mais específica, considerando cinco períodos de desenvolvimento da linguagem: a) pré - linguístico (0-12 meses), b) enunciados de uma só palavra (12-18 meses), c) primeiras combinações (18-24meses), d) frases simples (> 24 meses) e finalmente e) frases complexas.

Como podemos constatar, encontramos, segundo diferentes autores, várias formas de apresentar as etapas do desenvolvimento linguístico da criança dos 0 aos 3 anos, no entanto, entre todos distinguiram dois períodos cruciais: o *pré – linguístico* e o *linguístico*.

Também, José Augusto da Silva Rebelo, divide o desenvolvimento da linguagem em dois períodos:

1.4.1-Período pré-verbal (0 - 12 meses de idade)

O período pré-verbal compreende o desenvolvimento linguístico do primeiro de ano vida, manifesto pela emissão de sons não identificáveis com palavra. Nesta fase o bebé, desenvolve-se anatómica, neurofisiológica, cognitiva e socialmente, produz formas linguísticas próprias.

Neste período de desenvolvimento vocal, os linguistas identificaram seis estádios bem definidos, mas progressivos, já que o anterior continua no seguinte até este predominar. O primeiro estádio ocorre nas primeiras oito semanas de vida, caracteriza-se pela produção de sons reflexos, por exemplo choro, gritos, ruídos e de sons vegetativos, resultantes da respiração, sucção, bocejos, soluços, etc.

Existem já elementos semelhantes a vogais e a sons nasalados, tendo outros sons algumas parecenças com sons consonânticos.

O segundo estágio, entre as 8 e as 20 semanas, distingue-se pela emissão de sons directamente ligados a estados de conforto e de satisfação. São geralmente referidos como parecidos com vogais, mas contêm igualmente elementos consonânticos breves. Alguns autores caracterizam-nos como consoantes nasais silábicas, outros como vogais nasalizadas. “os elementos consonânticos, usualmente transcritos como |ç|, |g|, |x|, e |k| são todos produzidos no fundo da boca, onde a língua e o palato se encontram com sons vocálicos. (...) Podem ouvir-se vogais muito mais ressonantes e diversificadas em qualidade, nos sons de conforto, que aparecem mais tarde (Liberman et al., 1976).

Com o aparecimento do sorriso por volta da 16ª semana, constata-se uma alternância rápida da quantidade de produção vocálica, sob formas como “ha ha ha”, semelhantes impulsos existentes aos impulsos existentes no choro espontâneo.

O terceiro estágio, das 16 às 30 semanas, é conhecido por jogo vocal. Utiliza séries de sons mais longas que o anterior sendo enorme a variedade destes: gritos agudos e muito fortes, sons graves e suaves, ruidosos e trémulos, silábicos, nasais, consonânticos, estalidos labiais, sons guturais, etc. O bebé compraz-se em jogar com toda a espécie de sons.

No final deste estágio, as combinações de sons vocálicos e consonânticos são cada vez mais complexas e longas.

O quarto estágio, da 25ª à 50ª semana, designado “lalação repetida”, caracteriza-se pela produção de sílabas compostas por consoante - vogal ou vogal - vogal, em que a consoante e a vogal são as mesmas em cada sílaba por exemplo “amamama”, “opapapa”, “ueua”.

Geralmente é uma vogal que inicia as séries, sendo estas bastantes estereotipadas. A lalação repetida não é usada na comunicação com adultos, mas tem uma função estimuladora.

O quinto estágio, que se inicia pelo 1º ano de vida, assemelha-se ao anterior, mas difere dele porque agora há “lalações não repetida”. É a idade – tagarela, pois, a criança sonoriza várias vezes as vogais, junta consoantes às vogais e forma como que frases, onde consoantes e vogais podem variar de sílaba para sílaba. Pelo fim deste estágio, utiliza já variações de acentuação e entoação, parecendo estar a falar uma língua estrangeira, que ninguém percebe e a que certos autores (Gesell e Thompson) chamaram “gíria expressiva”. Enquanto algumas crianças ficam vários meses neste tipo de actividades, outras passam muito rapidamente à emissão das primeiras palavras.

“ Dore et al. (1976) identificam um período de transição entre a lalação e as primeiras palavras, em que certas formas fonéticas são consistentemente usadas para exprimir agrupamentos primitivos de experiências e para rituais de jogo.

Estas frases podem assemelhar-se aos sons acompanhados por gestos de chegar a, apontar para, apanhar e rejeitar, que Bates (1976) descreve como protopalavras e Carter (1979) como morfemas sensório-motores” (Stark, 1988, p.162).

Em síntese, “a maioria, senão todos, dos aspectos articulatórios da fala estão presentes nos primeiros sons das crianças de uma forma notavelmente bem organizada” (idem, p.171). Neste sentido, paralelamente à produção de sons, há neste período um desenvolvimento prosódico, isto é, a linguagem do bebé apresenta variações de intensidade, tonalidade, velocidade, ritmo e pausas nos sons que emite.

1.4.2- Período verbal básico (1 a 5 anos)

O período pré-verbal revelou que a criança, antes de começar a pronunciar as primeiras palavras, adquiriu capacidades de discriminação de sons, de vogais e de consoantes e de alguns elementos silábicos de sons linguísticos. Nesta ocasião, é capaz de distinguir sons do falar do não falar, e de diferenciar e utilizar padrões de elocução e de acentuação.

Entre o ano e meio e os quatro anos de idade “ a criancinha conhece um desenvolvimento considerável na aptidão fonológica. Partindo de um vocabulário reduzido, de aproximadamente 50 palavras, a criança passa de frases de uma só palavra, de forma fonológica muito simples, a frases de palavras múltiplas com um grau relativamente alto de inteligibilidade. A aptidão fonológica aumenta graças ao crescimento na aptidão para produzir sons próprios de adultos e para combiná-los em estruturas fonológicas mais complexas” (Ingram, 1988, p.223). Apesar do vocabulário da criança ser, do ponto de vista produtivo, inicialmente muito reduzido, o número de conceitos que possui, evidenciando compreensão de palavras, é quatro ou mais vezes superior (Griffiths, 1998, cf. p. 279).

As primeiras palavras que a criança pronuncia são curtas, de uma ou duas sílabas geralmente de uma consoante e uma vogal, por exemplo”ma”, “pa”,”bo”, “mama”, “papa”. As palavras são sempre utilizadas para significar ou indicar alguma coisa. São geralmente, o único elemento da frase.

Rapidamente, porém, a criança começa a produzir muitas palavras, de estrutura simples próprias da linguagem infantil. Dispõe – nas em frases, de maneira “telegráfica”, mas onde claramente se reconhece a estrutura básica da linguagem adulta.

Dos dois aos três anos, a criança desenvolve extraordinariamente o seu vocabulário, que pode atingir 400 ou mais palavras. Consegue formar frases de três ou mais vocábulos, com sujeito, verbo e complemento. Familiariza-se, entende e, a pouco e pouco, utiliza várias espécies de frases, através de histórias, versos, canções e jogos de palavras. Enfim, à medida que o seu desenvolvimento intelectual e o conhecimento do mundo aumentam, o desenvolvimento da sua linguagem evidencia grandes progressos (Roe, 1971, cf.p.173; Griffiths, 1998,cf. p. 283-303).

Por mais simples que seja a linguagem da criança, a combinação de palavras “ tem uma forte componente semântica” (Peters, 1998, p. 324). Inicialmente utiliza uma sintaxe informal, que gradualmente se baseia numa sintaxe formal, semelhante à da linguagem adulta.

Neste período, as crianças têm já um certo desenvolvimento morfológico, revelam alguma consciência de como se formam as palavras e se faz a correspondência de género, número e tempos, são capazes de fazer análises morfológicas e extrair certas regras de formação de palavras (Derwing e Baker, 1998). Igualmente, durante estas idades, tem lugar a aquisição e o emprego de pronomes pessoais, a qual, “implica controlo duma série de distinções pragmáticas, semânticas, sintácticas e morfológicas” (Chiat, 1988, p.335).

Resumindo, poder-se-á afirmar que, durante este período, a criança com desenvolvimento linguístico normal compreende e utiliza basicamente todas as formas de expressão, próprias da língua materna, demonstrando possuir u desenvolvimento razoável dos diversos níveis linguísticos: o fonético, o morfológico, o sintáctico e o semântico. A rapidez, a quantidade e qualidade deste desenvolvimento divergirão, porém, de criança, dependendo certamente de inúmeros factores.

1.5- Características comunicativas e linguísticas dos 12 aos 24 meses

O segundo ano de vida da criança, do ponto de vista linguístico, divide-se em duas fases distintas, cada uma delas com a duração de seis meses.

Assim, dos 12 aos 18 meses intervém a fase da holofrase, ou seja, de uma única palavra, que, como é produzida em contexto funcional, adquire vários significados segundo as variantes da sua utilização.

Na segunda fase, ou seja, dos 18 aos 24 meses, a criança começa a produzir pequenos enunciados, maioritariamente compostos por substantivos, alguns verbos, raros advérbios e adjectivos, mas geralmente desprovidos de artigos, pronomes, conjunções e preposições.

A constituição do seu vocabulário parece lenta até aos 19 meses, para então surgirem muitas palavras novas por dia, que a criança produzirá com grande prazer.

Os temas que aborda, dizem respeito ao seu mundo envolvente, ou seja, o das pessoas ligadas à sua educação, os objectos constituindo parte integrante das suas rotinas, os seus animais predilectos.

O aumento de vocabulário procede pela aquisição um a um dos traços semânticos. Assim, o bebé fixa-se, por exemplo, no som que produz um certo animal, como o ladrar do cão.

De notar que todas as holofrases desta idade precoce são constituídas por bissilábicos, frequentemente onomatopeias, e que as duas sílabas em causa são, de facto, a mesma sílaba repetida, ex: “au-au”, “miau-miau”, “qua-qua”, papá, mamã, vovó, bebé, etc.

Ainda dos 12 aos 18 meses, a criança usa o jargão. Numa frase (determinada pela entoação e entendida só no contexto) existe uma palavra com significado ou então uma palavra que pode ter vários significados (traduzidos por entoações diferentes pelos traços supra – segmentais).

Desta forma, os 18 meses são uma etapa muito importante. A criança começa a vivenciar a fase da função simbólica através do jogo simbólico. Observando todos os

movimentos do adulto, a criança começa a entender que determinado objecto tem uma função própria (a colher é para comer; o copo para beber água; a fralda suja para pôr no lixo), querendo ela própria começar a executá-las.

Dos 18 aos 20 meses a criança tem um vocabulário mais rico, começa a expressar-se, associando duas palavras com a intenção de transmitir uma ideia ou vontade. Diz primeiro uma palavra, faz uma pequena pausa, e diz a segunda palavra.

Dos 20 aos 22 meses, ganhando segurança e sentindo que é compreendida a criança começa a fazer com maior à vontade a ligação das duas palavras, não recorrendo à pausa intermediária. As pessoas do seu mundo começam a ser identificadas (associadas) com objectos muito específicos. O “papá” tem um “popó, um sapato, um jornal, uns óculos. Passada esta fase, começa a generalizar um objecto para atribuí-lo a várias pessoas.

Dos 22 aos 24 meses dá-se um aumento rápido do enunciado de duas palavras ao de três palavras e então a ordem da frase adulta é, finalmente respeitada: sujeito, verbo, complemento directo.

Nestes 6 meses, a criança exprime vários tipos de relação semânticas entre palavras que conhece e ela diversifica cada vez mais os tipos de relações expressas. Assim, a criança poderá exprimir uma relação de posse: “popó papá”; de lugar: “popó ali”; de acção: “popó caiu”; “de presença/ausência: “popó não está”; de qualificação: “popó grande..., etc.

Deste modo, pouco a pouco, o enunciado telegráfico vai aproximar-se do enunciado adulto polarizando todas as relações semânticas em função do elemento central da frase: o verbo.

Em resumo, podemos sintetizar todas as fases do desenvolvimento da linguagem através do quadro 1.

Idade e estágio evolutivo	Domínio da compreensão	Domínio da expressão
0 – 6 Meses	<p>Apresenta resposta de sobressalto a sons altos ou repentinos.</p> <p>Tenta localizar os sons, virando os olhos e a cabeça.</p> <p>Parece escutar as pessoas que falam, pode responder com sorriso.</p> <p>Reconhece vozes em tom de advertência, zangadas ou amigáveis.</p> <p>Responde ao ouvir o próprio nome</p>	<p>Emite vocalizações além de chorar</p> <p>Tem diferentes choros para fome e dor</p> <p>Emite vocalizações para demonstrar prazer</p> <p>Brinca com os sons</p> <p>Balbucia (uma série de sons repetidos)</p>
7 – 11 Meses Estágio de atenção à linguagem	<p>Apresenta escuta selectiva (controle voluntário sobre respostas a sons)</p> <p>Escuta músicas ou cantigas com interesse</p> <p>Reconhece “não”, “quente” e o próprio nome</p> <p>Observa imagens sendo nomeadas por até um minuto</p>	<p>Responde ao próprio nome com vocalizações</p> <p>Imita a melodia de expressões vocais</p> <p>Usa o jargão (linguagem própria)</p> <p>Faz gestos (sacode a cabeça para dizer não)</p> <p>Faz exclamações (oh)</p> <p>Brinca com jogos linguísticos (bate palminhas, esconde – esconde)</p>
12 – 18 Meses Estágio de palavras isoladas	<p>Faz discriminação grosseira entre sons desiguais (sinos, cães, buzina, voz do pai ou da mãe)</p> <p>Entende partes básicas do corpo, nomes de objectos comuns</p> <p>Adquire entendimento de algumas palavras novas por semana</p> <p>Consegue identificar objectos simples (bebé, bola, etc.) num grupo de objectos</p>	<p>Usa palavras isoladas (a idade média da primeira palavra é de 11 meses, com 18 meses usa até 20 palavras)</p> <p>“Fala” com os brinquedos, consigo e com outras pessoas usando longos padrões de jargão e palavras ocasionais</p> <p>Aproximadamente 25% das expressões são inteligíveis</p> <p>Todas as vogais são articuladas</p>

<p>18 – 24 Meses</p> <p>Estágio de mensagens com duas palavras</p>	<p>ou imagens</p> <p>Aos 18 meses, entende até 150 palavras</p> <p>Responde a ordens simples (“Dá a bola”)</p> <p>Responde a comandos (“vem cá”, “senta-te”)</p> <p>Entende pronomes (eu, ele, ela)</p> <p>Começa a entender frases complexas (“quando formos ao supermercado, vou te comprar rebuçados”)</p>	<p>correctamente</p> <p>Consoantes iniciais e finais são omitidas com frequência</p> <p>-Usa expressões com duas palavras (“Meia mãe”, “foi embora”, “bola aqui”)</p> <p>Imita sons do ambiente brincando (“mmm,mmm”, “muuu”, etc.)</p> <p>Refere-se a si mesmo pelo nome, começa a usar pronomes</p> <p>Repete duas ou mais palavras finais das frases</p> <p>Começa a usar expressões telegráficas de três palavras (“todos foi bola”, “nenê vai agora”)</p> <p>Expressões 26 a 50 % inteligíveis</p> <p>Usa linguagem para expressar necessidades</p>
<p>24 – 36 Meses</p> <p>Estágio de mensagens com duas palavras</p>	<p>Reconhece partes do corpo (cotovelo, queixo, sobrancelha)</p> <p>Percebe categorias de familiares (vovó, bebé)</p> <p>Entende tamanho (grande, pequeno)</p> <p>Tem conhecimento da maioria dos adjectivos</p> <p>Entende funções (por que comemos, por que dormimos)</p>	<p>Usa sentenças reais com funções gramaticais (pode, vamos, o, um)</p> <p>Em geral anuncia intenções antes de agir</p> <p>“Conversa” com outras crianças, normalmente apenas monólogos</p> <p>Jargão e ecolalia gradualmente desaparecem da fala</p> <p>Maior vocabulário (até 270 palavras aos 2 anos, 895 palavras aos 3 anos)</p> <p>Fala 50 a 80% inteligível</p> <p>P, b, m, articulados correctamente</p> <p>Fala pode apresentar distúrbios rítmicos</p>

Quadro 1- Fases do Desenvolvimento da Linguagem

Fonte: Child and Adolescent Psychiatry. London: Blackwell; 1985

2- Cérebro e a Linguagem

Para um conhecimento, mais específico e aprofundado, da aquisição e desenvolvimento da linguagem é necessário debruçarmo-nos sobre os aspectos neurofisiológicos da relação cérebro – linguagem.

Por conseguinte, o cérebro situa-se por debaixo do crânio e é constituído por cerca de 100 mil milhões de células nervosas - os neurónios - e por biliões de fibras que ligam as células entre si. As células nervosas a que chamamos massa cinzenta formam a parte superficial do cérebro: o córtex. Por debaixo do córtex, situa-se a chamada massa branca, formada pelas fibras nervosas.

O cérebro está dividido em duas partes denominadas de hemisférios cerebrais que estão ligados pelo corpo caloso. Por baixo dos hemisférios cerebrais, está situado o cerebelo que é constituído por duas partes. Na base do cérebro, situa-se o bolbo raquidiano que liga o cérebro à espinhal medula.

Os hemisférios cerebrais são anatomicamente idênticos mas funcionalmente distintos, apesar de semelhantes, os hemisférios cerebrais são assimétricos e são especializados, no que diz respeito às funções que desempenham, isto é, ao hemisfério direito diz respeito: o controlo dos movimentos do lado esquerdo do corpo, a percepção espacial, a identificação de padrões, identificação visual, processamento de sons não verbais, processamento de informação; ao hemisfério esquerdo, diz respeito: o controlo dos movimentos do lado direito do corpo, o processamento da linguagem, processamento da música, processamento analítico e serial da informação. (Fig.2)

Por conseguinte, as estruturas anatómicas e neurológicas que nos permitem produzir e compreender a linguagem, preservadas e transmitidas através do nosso código genético, são responsáveis pela nossa evolução como animais linguísticos. Esta capacidade estritamente humana tem como base uma associação de diversas áreas cerebrais.

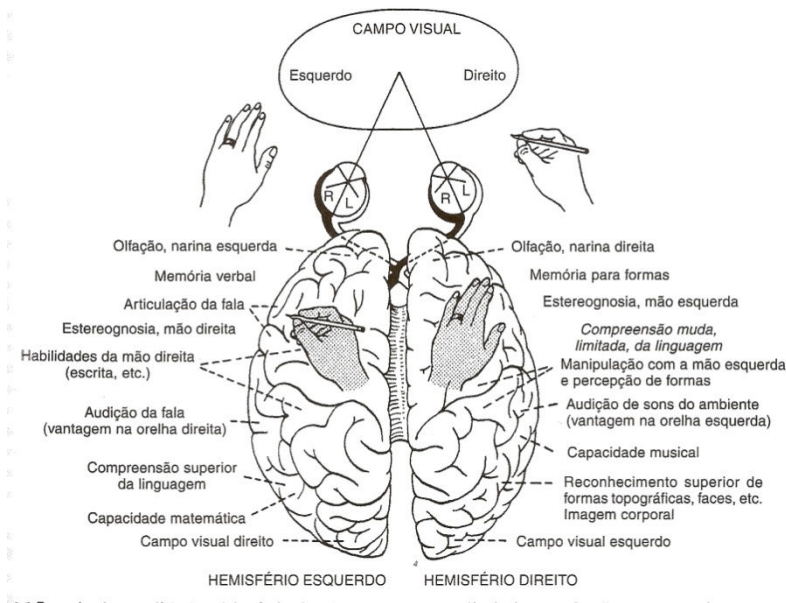


Fig.2- Desenho da superfície dorsal do cérebro humano, mostrando a tendência de certas funções a serem preferencialmente localizadas em um hemisfério.

Os estudos sobre o funcionamento cerebral mostram que a linguagem é, para a maioria dos seres humanos, uma função essencialmente do hemisfério esquerdo. Com o trabalho de Pierre Broca e Karl Wernicke, no século XIX, os pesquisadores obtiveram um mapa pormenorizado da compreensão e da expressão da linguagem e que demonstraram que certas perturbações da linguagem (afasias), são devidas a danos em determinadas zonas cerebrais.

Assim, como áreas corticais da linguagem temos a área de Wernicke, que compreende a parte posterior do giro temporal superior esquerdo e caracteriza-se pelo facto do indivíduo conseguir emitir palavras e escrever. Na circunvolução frontal do lobo frontal, na porção triangular e opercular do giro frontal inferior, encontra-se a área de Broca, de capital importância para a produção da linguagem.

Como conclusão, podemos afirmar que, existem ainda outras áreas indispensáveis à linguagem, como as áreas visuais e auditivas. Fonseca (1982), ao afirmar que “ a linguagem é um produto do cérebro e da organização social que permite, para além de outras aquisições, generalizar e compreender códigos linguísticos hierarquizados” (p.102), reforça uma vez mais a relação cérebro – linguagem.

3- Processos e Dimensões Linguísticas

Sendo o homem por natureza, um animal linguístico por excelência, torna-se capaz de receber, transformar e transmitir informação através da linguagem. Receber tem aqui o significado de compreender; e transmitir, o de produzir enunciados linguísticos.

Segundo Sim – Sim (1998), a **compreensão** envolve a recepção e decifração de uma cadeia de sons (gráficos ou gestuais, no caso da linguagem escrita e da linguagem gestual, respectivamente), e a respectiva interpretação de acordo com as regras de um determinado sistema linguístico.

A primeira etapa da compreensão é, no caso da linguagem oral, a percepção da fala, que é o processo de transformação de sons em fala; a segunda é a segmentação da cadeia sonora, na base de unidades com significado, visando a decifração da mensagem.

A **produção** diz respeito à estruturação da mensagem, formatada de acordo com as regras de um determinado sistema e materializada na articulação de cadeias fónicas, na linguagem oral, na sequência de gestos na língua gestual dos surdos ou na sequencialização de sinais gráficos, no caso da escrita.

A aquisição da língua implica a apreensão de regras específicas, no que diz respeito à forma, ao conteúdo e ao uso da língua. No que diz respeito à forma, as regras adquiridas dizem respeito aos sons e respectivas combinações (fonologia), à formação e estrutura interna das palavras (morfologia) e à organização das palavras em frases (sintaxe). As regras referentes ao conteúdo (semântica) servem o significado das palavras e a interpretação das combinações de palavras. Por último, as regras de uso (pragmática) visam a adequação ao contexto de comunicação.

Deste modo, o sistema da linguagem é constituído por vários componentes ou módulos que fazem a análise de diferentes aspectos da língua.

Em seguida, iremos aprofundar estes conceitos.

3.1-Fonética

O termo fonética significa, no étimo, “relativo aos sons da linguagem” e refere-se “ ao modo como estes sons são produzidos pelos locutores e como são percebidos pelos ouvintes” (Andrade e Viana, 1996).

A fonética, consiste no estudo dos sons e ruídos de uma linguagem no que toca à sua estrutura acústica e os seus mecanismos fisiológicos de produção.

Relacionada com esta área, encontramos a noção de traços distintivos: estes são elementos fónicos últimos, capazes de opor num a mesma língua dois enunciados com sentidos diferentes. A análise de traços distintivos dos fonemas no seu aspecto mecânico e acústico constitui a fonética. Por sua vez, o seu aspecto funcional diferenciador entre enunciados distintos pertence à fonologia.

3.2-Fonologia

Ramo da linguística, que estuda os sistemas sonoros das línguas do ponto de vista da sua função no sistema de comunicação linguística, isto é, debruça-se sobre” o modo de reconhecimento dos sons de uma língua particular tendo em conta, no âmbito específico da mesma, as sequências que constituem palavras e as propriedades fonéticas usadas com valor informativo” (Mateus, 1996).

Da grande quantidade de sons que o aparelho humano consegue produzir, e que é estudado pela fonética, apenas uma pequena parte é usada em cada língua, aspecto que é precisamente desenvolvido pela fonologia.

A fonologia obriga, portanto, a um exercício cujo objectivo consiste na procura de generalizações significativas, através da análise de fonemas, segmentos, traços distintivos ou quaisquer outras unidades fonológicas de acordo com a teoria usada. Esta mesma análise, da qual os estudos sintácticos e morfológicos constituem complementos, determina, por sua vez, a organização de um sistema de contrastes sonoros que permitem, por exemplo, explicitar as unidades fonológicas que distinguem numa mesma língua, duas mensagens de sentido diferente.

3.3-Semântica

A semântica refere-se ao estudo do significado, em todos os sentidos do termo. A semântica opõe-se com frequência à sintaxe, caso em que se ocupa do que algo significa, enquanto a segunda se debruça sobre as estruturas ou padrões formais do modo como esse algo é expresso. Dependendo da concepção do significado que se tenha, tem-se diferentes semânticas. A semântica formal, a semântica da enunciação ou argumentativa e a semântica cognitiva, por exemplo, estudam o mesmo fenómeno, mas com conceitos e enfoques diferentes.

3.4-Morfologia

Em linguística, no nível de análise morfológica encontramos duas unidades formais: a palavra e o morfema. Esta é uma das questões centrais no estudo da morfologia, que é decidir se a abordagem será pela perspectiva do morfema ou se é a partir da palavra, da formação e da classificação das palavras.

3.5- Sintaxe

A sintaxe é o ramo da linguística que estuda os processos generativos ou combinatórios das frases das línguas naturais, tendo em vista especificar a sua estrutura interna e funcionamento. Os primeiros passos da tradição europeia no estudo da sintaxe, foram dados pelos antigos gregos, começando com Aristóteles, que foi o primeiro a dividir a frase em sujeito e predicado. Um segundo contributo, deve-se a Frege que critica a análise aristotélica, propondo uma divisão de frase em função e argumento. Deste trabalho fundador, deriva toda a lógica formal contemporânea, bem como a sintaxe formal.

3.6- Pragmática

A pragmática é o ramo da linguística, que visa captar a discrepância entre o significado proposicional recuperável da semântica composicional de um enunciado e o significado visado por um falante numa dada enunciação.

Neste sentido, a pragmática estuda os significados linguísticos, determinados não exclusivamente pela semântica proposicional ou frásica, mas dedutível de condições dependentes do contexto extra-linguístico: discursivo, situacional, etc.

4- Dimensão Fonética - Fonológica

A Linguística introduziu a necessidade de distinguir entre desvios fonéticos e deficiências fonológicas. São, de facto, diversos factores que enfatizam a especificidade de um nível de organização linguística por unidades contrastivas (nível fonológico) por oposição a um nível de realização articulatória (fonético) (Bosch, 1984; Yavas, Hernandorena & Lamprecht, 1991; Hernandorena, 1993; Lamprecht, 1993, citado por Lima, ?).

A Fonética “é a disciplina científica que se ocupa das propriedades físicas dos sons utilizados na fala e do modo como estes são produzidos e percebidos, podendo dividir-se tradicionalmente em três grandes áreas: fonética acústica, articulatória e perceptiva.” (Faria *et al.*, 1996, citado por Lima, 2007: 703).

A Fonologia “consiste no estudo das organizações dos sistemas de sons das línguas, tendo como unidades mínimas os *fonemas*, cujas realizações fonéticas são os fones. A relação entre o nível fonológico e o nível fonético faz-se por meio de *regras fonológicas*, algumas das quais são universais e outras particulares.” (*idem*).

O domínio do sistema fonológico de uma dada língua manifesta-se, na criança, no uso e manipulação de unidades (fonemas, sílabas, palavras) de forma convergente com o sistema de princípios vigente no idioma em causa.

A manipulação de padrões acústicos segundo as convenções de uma determinada língua enquanto veículos de significados, torna-se real no início do segundo ano de vida com a entrada da linguagem referencial. A criança começa por aceder à produção de padrões sonoros pouco estáveis, globais e ainda desvinculados de um significado partilhável, associando – se em alternativa, a esquemas de acção e significados individuais – as protopalavras.

Com isto a criança deixa de se relacionar apenas com estruturas fonéticas (padrões acústicos) para se implicar num processo de organização fonológica cuja natureza remete para a especificidade dos sons de uma determinada língua e, sobretudo, para as relações de contraste que, ao existirem entre eles alicerçam a construção e transformação de referencias ao real.

Nesta ordem de ideias, Lima (2007) afirma que : “Uma vez reforçado o conhecimento dos padrões sonoros da língua cabe agora uma outra tarefa não menos exigente que a primeira: treinar a produção através de graduais aproximações fonéticas as quais se vinculam ao aperfeiçoamento na coordenação neuromotora dos órgãos

periféricos da fala os quais permitem materializar a forma de sentir e pensar como forma de acesso ao seu mundo ou contexto interactivo”.

Portanto, a Fonologia “não remete apenas para a capacidade de emitir um determinado conjunto de sons, mas antes – e sobretudo – à capacidade de representação do (s) mesmo (s) enquanto elementos de um sistema.” Lima (2005: 315).

Em suma, dominar a Fonologia significa “saber o que se pode dizer” (que elementos e regras/ princípios integram o sistema linguístico) e, em última instância, “saber o que é relevante dizer” (ou seja, a forma segundo a qual a manipulação de padrões sonoros resulta em expressões com significado) (*idem*).

Por tudo o que foi referido anteriormente, concluímos que é nas áreas específicas da Fonética e da Fonologia que podemos encontrar um conjunto de problemas de maior relevância, que poderão obstaculizar o adequado desenvolvimento desta linguagem na criança.

O potencial psicolinguístico duma criança não depende só dos processos de maturação neurolinguística, depende igualmente dos processos de mediatização linguística que são praticados no envolvimento familiar e no envolvimento escolar, onde certamente os factores sócio-económicos e sócio-culturais assumem um peso significativo (Berry, 1969; Reynell, 1980, citado por Fonseca, 2000).

O desenvolvimento psicolinguístico da criança pré-escolar é paralelo com um extraordinário avanço e complexidade no vocabulário, com uma produção articulatória inteligível e quase perfeita em termos semântico - sintáxicos, com marcadores, tempos de verbos correctos, pronomes, adjectivação crescente, adverbização perspicaz, etc.

Em termos psicolinguísticos a criança em idade pré-escolar tende a apresentar uma extensão fraseológica refinada, com frases negativas e interrogativas mais subtis, com construções passivas mais perfeitas (Bloom & Lahey, 1978, citado por Fonseca, 2000).

Enfim o enriquecimento psicolinguístico do seu 1º sistema simbólico: receptivo, integrativo, elaborativo e expressivo está quase concluído e o seu poder de conversação atinge um patamar evolutivo marcante.

5-Articulação e Estrutura Vocal

Os sons que articulamos resultam das modificações fisiológicas do fluxo de ar durante a expiração, devidas a constrictões impostas pelos órgãos articulatórios ou vocais. No processo articulatório é comum a referência ao sistema respiratório ou sistema sub-laríngeo, que inclui os pulmões, brônquios, e a traqueia; a laringe, que inclui as cordas vocais; o sistema supra-laríngeo ou tracto vocal, o qual inclui os órgãos da cavidade oral (a língua, os lábios, os maxilares, o palato), a faringe e a cavidade nasal. (Fig.3)

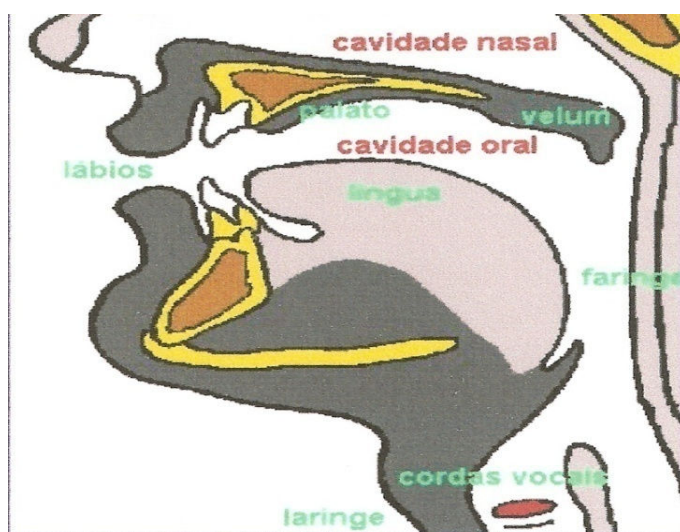


Fig.3- Cavidades nasal, oral e faríngea

Fonte: Fonética e Fonologia do Português. Lisboa: Universidade Aberta, p.67

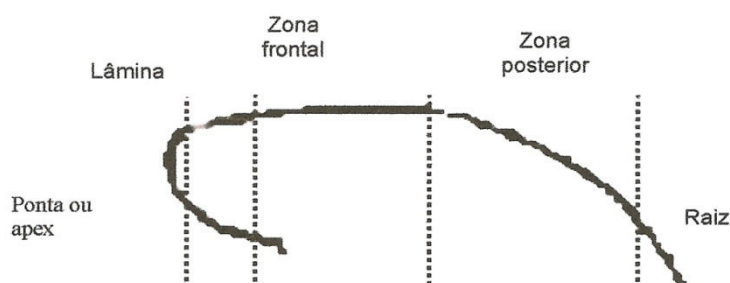


Fig.4- Dorso da Língua (pontos da língua que servem na articulação dos sons da fala)

Fonte: Fonética e Fonologia do Português. Lisboa: Universidade Aberta, p.72

Os pulmões constituem a fonte de energia sonora utilizada na maioria dos sons das línguas do mundo. A laringe é o órgão onde se situa o processo de fonação ou produção de voz. Na laringe encontram-se duas pregas musculares denominadas cordas vocais que vibram em determinadas condições, aproximando-se e afastando-se uma da outra. Ao espaço entre as cordas vocais chama-se glote.

Tendo em conta o factor modulação do fluxo supra – laríngeo, condições de escoamento do fluxo pelo tracto vocal, podem considerar-se as classes de segmentos nos quais:

- O ar escapa livremente pelo tracto vocal: vogais e semivogais/glides.
- Existe obstrução à passagem do ar: consoantes. Nesta obstrução...conta de dois tipos : obstrução nasal , para consoantes orais, e obstrução oral, para facilitação das consoantes nasais.

As estruturas anatómicas da cavidade bucal utilizadas na produção de sons das línguas são designadas articuladores. Na região superior da cavidade bucal encontram – se o lábio superior, os dentes incisivos superiores, os alvéolos, palato duro e palato mole, véu palatino ou velo, com a úvula na sua extremidade.

Na parte posterior da faringe, esta, é agrupada com as estruturas superiores da cavidade bucal. Na região inferior da cavidade bucal, encontra – se o lábio inferior,o maxilar inferior e a língua. Nesta última, distinguem – se três regiões principais: a coroa, o corpo ou dorso e a raiz da língua.

A coroa subdivide-se na ponta ou ápice e na lâmina. No corpo da língua podem considerara-se três regiões: a frente ou região pré-dorsal, o centro ou região dorsal e a parte posterior ou região pós-dorsal. Durante a posição de repouso da língua, a frente do seu corpo fica por baixo do palato duro, o seu centro fica parcialmente abaixo do palato duro e parcialmente abaixo do palato mole, e a região posterior ou raiz situa-se diante a parede posterior da faringe.

Os articuladores inferiores, nomeadamente o lábio inferior e a língua, movem-se frequentemente em direcção aos articuladores superiores, e por isso, são muitas vezes designados por activos, por oposição aos articuladores não móveis ou passivos.

As estruturas articulatórias de maior mobilidade são: o ápice e a lâmina da língua e o seu movimento pode considerar-se independente do movimento do corpo da língua.

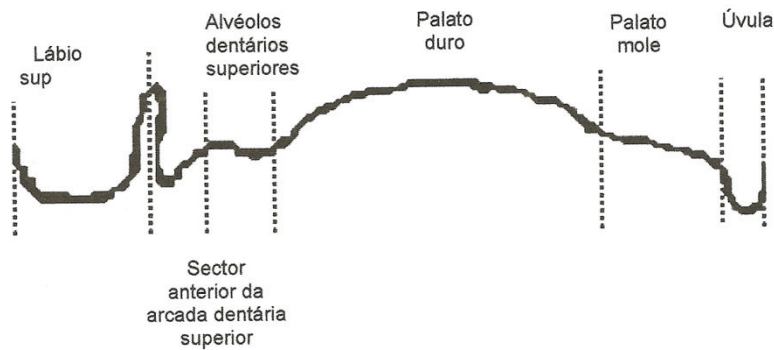


Fig.5 Pontos articulatórios de contacto na zona superior do Tracto oral

Fonte: Fonética e Fonologia do Português. Lisboa: Universidade Aberta, p.71

O véu palatino é um articulador móvel. Em posição de repouso, durante a respiração normal, o véu palatino encontra-se deslocado da parede da faringe, permitindo a passagem de ar pelas cavidades nasais. O movimento de elevação do véu palatino contra a parede da faringe tem o efeito de bloquear a passagem velo-faríngeo, separando a cavidade bucal da nasal. Os sons que são produzidos desta forma, isto é, com bloqueamento da passagem velo-faríngeo, são designados por sons *orais*. Os sons produzidos sem bloqueamento da passagem velo-faríngeo são designados por *nasais*.

Na região inferior do tracto vocal, o maxilar inferior, apesar de ser uma estrutura anatómica móvel, não é considerado como um elemento articulatório independente, no âmbito da fonética articulatória tradicional.

Deste modo, vogais e consoantes podem ser produzidas com passagem do ar pela cavidade nasal o que lhes atribui o traço de nasalidade. Essa passagem do ar faz-se quando a úvula desce e deixa aberto um canal que permite o ar penetrar na cavidade nasal. As consoantes nasais são consoantes oclusivas em que a passagem do ar sofre uma interrupção na cavidade bucal (p. ex., o /m/ obriga ao fechamento dos lábios) mas sai pela cavidade nasal pela cavidade nasal por abaixamento do véu palatino, “arrastado”, pelo movimento da úvula.

6- Classificação das Consoantes

Segundo a Gramática da Língua Portuguesa, as consoantes são classificadas de acordo com quatro critérios:

6.1-Modo de Articulação: é a forma pela qual as consoantes são articuladas. Quanto ao modo de articulação, as consoantes podem ser oclusivas ou constrictivas.

A - Nas oclusivas existe um bloqueio total do ar.

B- Nas fricativas existe um bloqueio parcial do ar.

A classificação do modo de articulação das consoantes é função do grau de aproximação ou ainda, da modificação da configuração do tracto vocal causada pela aproximação dos articuladores superiores e inferiores. No Português Europeu encontramos assim, consoantes:

Oclusivas

Este tipo de consoantes, implicam um fechamento total dos articuladores impedindo a passagem de ar pelo canal bucal. Se o véu palatino estiver levantado e encostado à parede da faringe, o fluxo de ar sofrerá uma obstrução completa, formando uma **oclusiva oral**, cujo som correspondente se produz logo que os articuladores se afastam. As oclusivas podem produzir-se com vibração das cordas vocais (vozeadas) ou sem vibração (não vozeadas). Segundo Mateus et al (1990), as **oclusivas orais** do Português Europeu são:

[b] (vozeada) [p] (não vozeada)	Oclusão causada pelo fechamento dos lábios.
[d] (vozeada) [t] (não vozeada)	Oclusão causada pela coroa da língua encostada aos incisivos superiores (ou região dento-alveolar).
[g] (vozeada) [k] (não vozeada)	Oclusão causada pelo dorso da língua encostada ao véu palatino

Se a corrente de ar for obstruída na cavidade bucal mas o véu palatino estiver descido, o ar pode passar pelas cavidades nasais, produzindo-se uma **oclusiva nasal**. Neste caso as consoantes são sempre vozeadas, diferenciando-se entre elas nos articuladores envolvidos.

As oclusivas nasais do Português Europeu, segundo Mateus et al (1990) são:

[m]	Oclusão causada pelo fechamento dos lábios
[n]	Oclusão causada pela coroa da língua encostada aos incisivos superiores (ou região dento – alveolar)
[ŋ]	Oclusão causada pela lâmina da língua encostada ao palato

Fricativas

Na produção destas consoantes, os articuladores aproximam-se provocando uma obstrução parcial à passagem do ar, ao mesmo tempo que é produzido ruído.

De entre os sons **fricativos**, os mais agudos, como o [s] e o [z], são denominados **sibilantes**. Também as consoantes fricativas podem ser vozeadas e não vozeadas. Segundo Mateus et al (1990), as fricativas do Português Europeu são:

[v] (vozeada)	
[f] (não vozeada)	O lábio superior aproxima-se dos incisivos inferiores
[z] (vozeada)	A coroa da língua aproxima-se da região dento - alvéolar
[s] (não vozeada)	
[ʃ] (vozeada)	A coroa da língua aproxima-se da região palato - alvéolar
[x] (não vozeada)	

Líquidas

Estas consoantes são pronunciadas com uma obstrução do fluxo de ar provocado pela língua junto de um ponto da cavidade bucal (alvéolos ou palato), mantendo-se um canal para a saída do ar entre os lados da língua e do palato. São consideradas duas subclasses:

- **Líquidas Laterais:** o ar passa por um ou pelos dois lados da língua inclui as consoantes [l] e [ʎ]

- **Líquidas Vibrantes:** produzidas mediante a vibração de um articulador, vibração esta que pode corresponder a um só batimento – [r] (vibrante alveolar) ou (vibrante alveolar múltipla) – [r] e [R] vibrante velar.

6.2-Ponto de Articulação: é o lugar onde a corrente de ar é articulada (lábios, dentes, palato.)

De acordo com o ponto onde é articulada, as consoantes são classificadas em:

A – Bilabiais (lábios + lábios)

Associam-se à realização da oclusão ao nível dos lábios. Pertencem a esta classe as oclusivas: [p/, /b/, /m/].

B – Labiodentais (lábios + dentes superiores)

Decorrem do contacto dos dentes superiores com o lábio inferior e incluem as fricativas: [f/, /v/]

C – Alveolares (língua + alvéolos dos dentes)

Segundo Morais (1994), os segmentos [t/, /d/, /n/], representam no campo das oclusivas, as consoantes dentais ou dento-alveolares. Estas oclusivas designam-se por apicodentais (uma vez que é o ápice ou ponta da língua que toca na parte interior dentes frontais e assim impede momentaneamente a passagem do ar), como de apicoalveolares (se a língua toca nos alvéolos). Mateus et al (1990), por confronto, reservam o termo apicoalveolares para cobrir os segmentos dialectais [s/, /z/].

Na classe das **liquidas laterais** (onde não há, portanto, oclusão mas sim libertação de ar pelos lados), o fonema /l/ constitui também uma consoante alveolar.

A **liquida vibrante** /r/ é também uma alveolar. A sua produção baseia-se num batimento simples da língua na zona alveolar. Os segmentos /s/, /z/ resultam na aproximação da coroa da língua à região dento-alveolar e representam neste ponto de articulação a classe das **fricativas** e são tradicionalmente designados de sibilantes (Mateus et al, 1990).

D - Palatais (dorso da língua + céu-da-boca)

Também designadas dorsopalatais, dado o contacto do dorso da língua com o palato, incluem a oclusiva /ŋ/, na qual a oclusão do tracto vocal se acompanha de abertura de passagem do ar para a cavidade nasal (Morais, 1994). Na produção da liquida lateral /l/ está também em jogo uma obstrução formada pela lâmina da língua junto do palato (Mateus et al, 1990).

Andrade e Viana (1996) defendem a pertinência de um agrupamento das classes dentais, alveolares, pós-alveolares no grande conjunto das coronais. O recurso a esta designação terá em conta, o facto de ser a coroa da língua o articulador activo envolvido.

E – Velares (parte superior da língua + palato mole)

Também designadas como dorsovelares (pelo contacto do dorso da língua com o véu palatino), incluem as oclusivas /k/ e /g/. Segundo Mateus et al (1990), pertence à classe das velares a múltipla /R/, resultando da vibração da parte de trás da língua junto do véu palatino.

F- Uvulares

A vibração da úvula acompanhada de ressonância resulta segundo Morais (1994) na produção do segmento /R/.

A classificação do /R/, enquanto segmento de produção uvular surge, de resto, assumida no Alfabeto Fonético Internacional (AFI). A revisão de Kiel (1989), traduzida por Andrade e Viana (1996), assim o demonstra e que posteriormente apresentaremos.

6.3-Função das cordas vocais

As cordas vocais ou pregas vocais estão situadas no interior da laringe e são constituídas por duas bandas de tecido muscular, quando o ar passa elas vibram produzindo o som pelo qual comunicamos.

A vibração das cordas vocais não se pode observar directamente, como se observa o ponto de articulação ou mesmo o modo de articulação, visto que esses músculos se encontram na glote, orifício localizado na laringe. Mesmo assim, é possível sentir pondo um dedo junto da “maça de Adão”, uma certa vibração interna quando se pretende pronunciar uma consoante sonora, o que não acontece se o esforço for feito para pronunciar uma consoante surda. (Fig.6)



Fig.6 -Cordas vocais sem vibração



Cordas vocais com vibração

Fonte: Fonética e Fonologia do Português. Lisboa: Universidade Aberta, p.69

No nosso estudo, se as cordas vocais vibrarem, a consoante será sonora; no caso contrário, a consoante será surda.

Deste modo, se as cordas vocais estiverem afastadas (abertas), como sucede durante a expiração normal, o ar que vem dos pulmões atravessa a faringe e chega livremente até à boca. Porém, se as cordas vocais estiverem aproximadas (encerradas), a pressão da corrente de ar fá-las vibrar.

Os sons produzidos com a vibração das cordas vocais designam-se por vozeados. São sons vozeados ou sonoros, o conjunto das vogais, semivogais ou glides e algumas consoantes (sonoras ou vozeadas) {/b/, /d/, /g/, /m/, /n/, /ŋ/, /v/, /z/, /ʒ/, /l/, /r/, /ʎ/ /r/}.

Não vozeados ou surdos, encontram-se as consoantes surdas ou não vozadas {/p/, /t/, /k/, /f/, /s/, /x/ /

6.4-Função das cavidades oral e nasal

A cavidade oral e nasal, com órgãos comuns nos seus respectivos aparelhos (aparelho digestivo e aparelho respiratório), têm também extrema importância na linguagem e articulação dos sons.

Caso o ar saia somente pela boca, as consoantes serão orais; se sair também pelas fossas nasais, as consoantes serão nasais.

Como referimos anteriormente, as consoantes que apresentam bloqueios ou constricções à passagem livre do ar através da boca são as oclusivas que têm uma obstrução à passagem de ar causada pelos articuladores (lábios ou língua) – e as fricativas – cuja pronúncia mostra uma contração ou fricção também causada pelos articuladores. Tanto o bloqueio como a contração ocorrem no ponto de articulação das consoantes que, por isso, se denominam bilabiais, dentais, palatais ou velares conforme os articuladores que entrarem na pronúncia e conforme o ponto em que toca a língua. Assim, em Português, são oclusivas as consoantes (p,t,k,b,d,g) e fricativas as consoantes(f,v,s,z,j,ch)

Tanto as oclusivas como as fricativas podem ser pronunciadas sem vibração das cordas vocais ou com vibração. Se as cordas vocais se mantiverem tensas, sem vibração, as consoantes são surdas, se vibram, são sonoras.

A oposição em consoantes oclusivas e fricativas é distinta em Português, isto é, contribui para alterar o significado como podemos ver pelas palavras pato / bato; tom / dom; cacto / gato; faca / vaca; selo / zelo; chá / já.

Ponto de Articulação

Modo de Articulação	Bilabial	Labiodental	Alveolar	Pós-Alveolar	Palatal	Velar	Uvular
Oclusiva	p b		t d			k g	
Nasal							
					□		
Vibrante							r
Batimento							
Fricativa		f v	s z				
				□			
				□			
Aproximante Lateral				l		ʎ	

Quadro 2- Consoantes do PE no alfabético Fonético Internacional de acordo com a revisão de Kiel (1989) e tradução de Andrade Viana (1996)

7- Processos de Simplificação mais frequentes nas Consoantes

Oclusivas

Neste capítulo, após o estudo da classificação das diferentes consoantes e da carta de consoantes adoptada, faremos referência aos processos de simplificação mais frequentes nas consoantes oclusivas, objecto de estudo deste projecto.

Até aos 3 anos de idade o desenvolvimento normativo fonético - fonológico pauta-se pela imitação / reprodução verbal abundante dos modelos linguísticos do seu meio imediato, pelo conseqüente aperfeiçoamento da melodia da língua, pelo não total grau de inteligibilidade e pelas estratégias múltiplas de simplificação (Lima, 2006).

Autores, como Ingram (1976), defendem que os fonemas adquiridos sofrem processos de facilitação articulatória devido à presença de outros fonemas na cadeia fónica. Eles não parecem seguir leis fixas, mas antes obedecer às influências da posição que ocupam na palavra.

Assim, os processos de simplificação são uma tentativa aprender e compreender o sistema linguístico, para finalmente o produzir de forma “legítima” e com a sofisticação necessária, respeitando todas as regras subjacentes ao mesmo.

Como tal, é necessário analisar e comparar as produções das crianças na faixa etária em estudo (dos 24 aos 36 meses), de modo a aferir a ocorrência de processos de simplificação naturais do seu desenvolvimento fonológico.

De entre, os processos de simplificação mais frequentes, referidos por Ingram (1989), citados por Acosta et al, (2003) podemos salientar:

7.1- Substituição

Considera-se substituição quando o fonema alvo não é articulado e é substituído por um outro que não existe na (s) sílabas contíguas; como tal, não é explicável em termos de metátese e/ou harmonia.

Os processos de substituição constituem o grosso dos erros produtivos que ocorrem até aos 3 anos de idade.

Este tipo de ocorrências pode acontecer dentro ou fora da classe de modo a que pertencem as referidas consoantes substituídas, sendo designadas por *substituição intraclasse* se acontece a substituição de uma por outra consoante da mesma classe exemplo: *tama / cama* (ambas consoantes da classe das oclusivas), ou *interclasse* se acontece uma substituição na qual uma consoante sai da categoria a que pertence como por exemplo: *topa / sopa*, no qual a consoante substituída /s/ pertence à categoria das fricativas e o /t/ pertence à classe das consoantes oclusivas.

O processo de substituição pode ainda ocorrer tendo em conta o *ponto de articulação* no qual ocorre a articulação, isto é, consoantes que se articulam em espaços anatómicos muito próximos, pelo qual são mais vulneráveis à substituição, por exemplo: *moneca / boneca*, proximidade de produção entre o fonema /b/ e o fonema /m/, ambos bilabiais.

Outro processo de substituição é aquele que acontece em virtude da maior facilitação de fonemas sem vozeamento, frente aqueles que são vozeados, por exemplo: *janela / xanela*, esta simplificação advém da interferência do factor vozeamento, pois, o fonema /j/ é vozeado enquanto que o mesmo não acontece com o fonema /x/.

Ainda na categoria da substituição pode-se incluir um outro processo designado de *semivocalização* onde as consoantes líquidas /l/ e /lh/ são substituídas pelas semi – vogais quer /u/ quer /i/, por exemplo: *boua / bola* ou *foia / folha*.

7.2- Omissão

Considera-se omissão quando o fonema alvo não é articulado nem substituído por nenhum outro. São processos de estruturação silábica, onde se tende a reduzir a sílaba ao formato CV (consoante – vogal), ou a simplificar o número total de sílabas que compõe uma palavra. Para tal, a criança utiliza omissões de consoantes finais, sobretudo se o formato silábico for CVC (consoante – vogal - consoante) quanto diz /lapi/ em vez de “lápiss”, /pota/ em vez de “porta” ou /sodado/ em vez de “soldado”.

Pode também acontecer com as sílabas do tipo CCV, nas quais a segunda consoante é frequentemente omitida /pato/ por “prato” ou /busa/ por “blusa”.

A omissão de fonemas ocorre quando a criança não os domina, do ponto de vista fonético ou articulatorio, /opa/ para a palavra “sopa”.

Ingram (1989) refere ainda a omissão de sílabas átonas, como por exemplo /bana/ por “cabana” onde a palavra de tri passou a dissílabo. Idêntica situação ocorre em palavras polissilábicas tais como “telefone” a qual passa a /tefone/ por supressão de uma sílaba. Este processo pode ser usado com mais frequência por umas crianças do que por outras, contudo, tal tipo de ocorrência revela um sistema perceptivo ainda imaturo, incapaz de estabelecer ou captar diferenças presentes entre os diversos conglomerados sonoros.

7.3- Harmonia Consonantal

Considera-se harmonia consonantal, a substituição de um fonema (“contaminado”) por outro existente na palavra (“contaminador”), isto é, há um processo de assimilação em ocorre a substituição de um som por outro, contido este na própria palavra.

“O processo de reduplicação de uma sílaba /papato/ por “sapato” é frequente entre os 18 e os 30 meses de idade” (Lima, 2003).

Desta forma, o processo de assimilação de um fonema por outro dentro da mesma palavra pode ocorrer considerando quer o fonema que antecede quer o que procede aquele que é substituído, subdividindo-se em *assimilação contígua*, quando o elemento responsável pela assimilação se encontra ao lado do elemento afectado (“sofá” por /fofá/ e “sapato” por /papato/, onde a sílaba afectada /so/ de sofá ou /sa/ de sapato sofreram a influencia das sílabas limítrofes /fa/ em “sofá” e /pa/ em “sapato”) e *assimilação não contígua*, em que o fonema “contaminado” se encontra também no vocábulo, porém, não em posição imediata (anterior ou posterior) à sílaba afectada (/tefante/ em vez de “elefante”).

Ao falar-se em harmonia consonantal a designação altera-se ligeiramente passando a designar-se *progressiva e regressiva* de acordo com a posição da sílaba que “contagia”: *progressiva* se a sílaba anterior contagia a posterior (/camica/ em vez de “camisa”) e *regressiva* se a posterior contagia a anterior (/fafé/ em vez de “café”).

7.4- Metátese

A metátese corresponde ao deslocamento ou “migração” de um segmento dentro da palavra. Para existir metátese, o fonema deixa de existir na sílaba de origem.

A metátese é:

- Silábica, quando o segmento migra para uma outra posição na mesma sílaba; ex: /corcodilo/ para “corcodilo”.

- Trans-silábica, quando migra para sílabas adjacentes; ex: /fotogafria/ para “fotografia”

Quadro 3 - Síntese de categorias de processos de simplificação

Processos relativos a fonemas consonânticos	Omissão		
	Substituição	Geral	Intraclasse Interclasse
		De ocorrência pouco frequente Fonética	
	Metátese	Silábica Transsilábica	
	Harmonia Consonântica	Progressiva Regressiva	
Semivocalização			
Processos relativos a vogais e semivogais	Harmonia Vocálica Substituição Omissão		

A ocorrência de processos de simplificação representa a atitude de defesa que a criança adota para se confrontar com o modelo adulto ao qual não consegue aceder. Por consequência, o uso da substituição representa a estratégia de maior incremento na criança até aos três anos de idade. (Lima, 2006)

Como conclusão, podemos afirmar que todos estes processos de simplificação fazem parte de um processo de aquisição normal da linguagem, tendo em conta o esforço da própria criança para evoluir linguisticamente e “não obstaculizam a

compreensão por parte do adulto, acerca do que o “aprendiz falante” pretende dizer, porque, por um lado, o adulto tem à partida conhecimento do contexto frásico e situacional em que a produção da criança ocorre e por outro lado a produção infantil tende a aproximar-se cada vez mais da realização adulta”. (Sim – Sim, 1998)

8- Universalidade no modo de aquisição da fonologia

Uma das questões que circunda a construção da dimensão fonológica diz respeito à existência ou não de uma universalidade no modo de aquisição da fonologia, isto é, a possibilidade deste processo ocorrer segundo a mesma ordem para todas as crianças.

Vários autores tentam estabelecer uma ordem universal sobre esta aquisição. Em investigações com crianças americanas, Whetnall e Fry, referem que à aquisição das vogais, seguir – se- iam os sons /m/, /d/, depois /p/, /b/, /t/, /n/, mais tarde /g/ e /k/, noutra fase o /w/ e finalmente o /r/, /sh/, /f/, /l/. Para Lewis, a ordem de aquisição deve estar intimamente ligada à diferenciação de estados afectivos, à aparição de uma conduta antecipatória de sucessão de factos, à evolução do sistema nervoso e à influência ambiental.

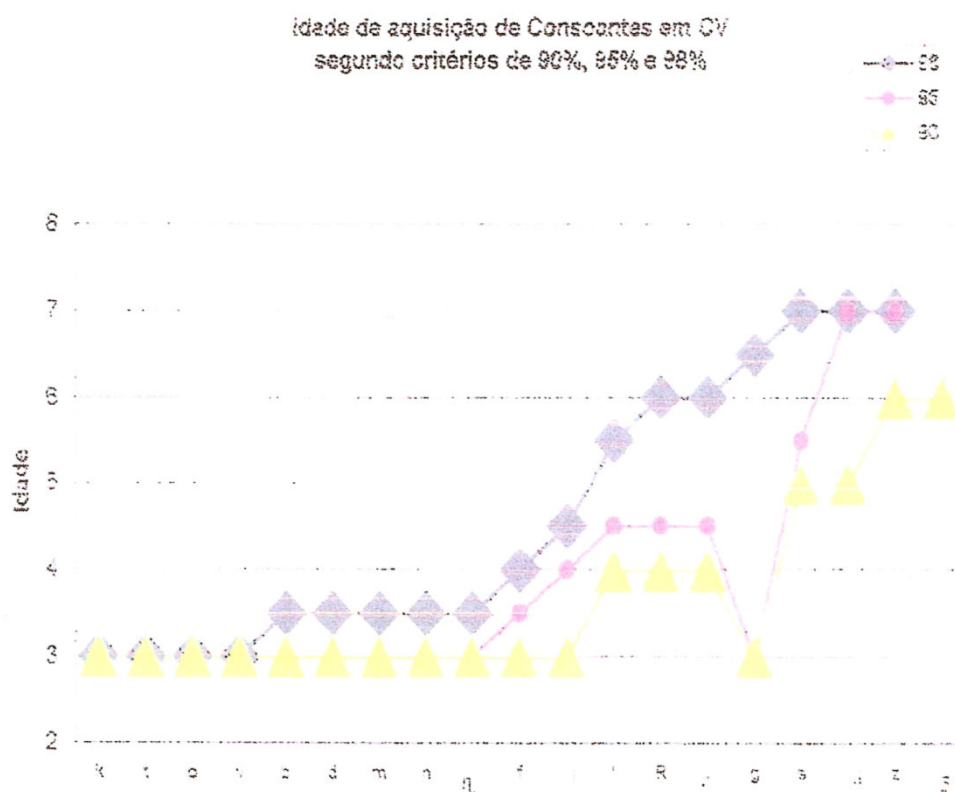
Neste contexto, a perspectiva centrada numa universalidade na ordem fonológica teve em Jakobson (1968) um dos seus representantes mais fecundos.

Na sua obra “ Linguagem da Criança, Afasia e Universais Fonológicos”, o autor apresenta dados que se referem aos universais fonológicos, isto é, leis gerais relativas à constituição e desenvolvimento histórico das línguas, sendo consideradas nos termos de uma sucessão fixa de traços emergentes. Devemos entender por traços o atributo acústico ou articulatório de um som, capaz de o distinguir de outro.

Num estudo recente feito pela Doutora Rosa Lima, na sua tese de Doutoramento: “Desenvolvimento Fonológico Infantil no Norte de Portugal” (2003, pág., 260), podemos observar um gráfico da idade da aquisição de Consoantes em CV, segundo critérios de 90%, 95% e 98% e seleccionando classes de modo, constatamos que:

- Para *oclusivas orais sonoras* /b/, /d/ e o /g/, o /g/ é de aquisição mais tardia que os dois primeiros, para critérios superiores a 98%.

- Para *oclusivas orais surdas* /p/, /t/ e /k/ , um critério de 98% não distingue hierarquias de aquisição.
- Para *oclusivas nasais* /m/, /n/ e /ŋ /, não se observam diferenças em função do lugar.
- Para *fricativas surdas* /f/, /s/, um critério de 98% estabelece a idade de aquisição mais precoce o /f/, seguido do / ŋ / e finalmente do /s/. Este último surge, cada vez mais tardio à medida que o critério se torna mais rigoroso.
- Para *fricativas sonoras* /v/, /z/, /ʒ /, o critério de 98% estabelece uma barreira clara entre /v/ e as duas restantes. Para além disto, diferencia-se a precocidade de aquisição da fricativa alveolar face à pós- alveolar, sendo que esta última não chega a ser adquirida.
- Para *líquidas*, surge uma ordenação global correspondente a /l/, / r /, / R/, / Λ/, não se encontrando uma perfeita ordenação anterior – posterior.
- Se considerarmos apenas as *líquidas vibrantes* / r /, / R/, verifica-se que ambas ocorrem na mesma idade.
- No caso das *líquidas laterais*, a palatal surge posteriormente à alveolar.



Ao analisarmos o gráfico, constatamos que as consoantes oclusivas são adquiridas da seguinte forma: as consoantes orais surdas /p/, /t/, /k/, são adquiridas aos três anos, as consoantes orais sonoras /b/, /d/, e as consoantes nasais /m/, /n/ são adquiridas aos três anos e meio. Segundo um critério de 98%, o /g/, é dentro das oclusivas a consoante que pode ser adquirida mais tarde, seguindo o mesmo critério, temos as consoantes fricativas e líquidas de aquisição posterior.

“ As dificuldades para o estabelecimento de uma ordem com pretensões generalizantes aumentam quando, para lá dos 18 meses, os fonemas adquiridos sofrem processos de facilitação articulatória devidos à presença de outros fonemas na cadeia fónica. Eles não parecem seguir leis fixas, mas antes de obedecer às influências da posição que ocupam na palavra. A estes processos não é alheia a frequência de uma cadeia fónica específica numa determinada língua que, quando elevada, evitará o recurso a essas facilitações práticas”. (Lima, Rosa, 2000: 87)

Esta ideia de facilitação e variabilidade conforme o contexto veio, aliás, corporizar uma viragem histórica na abordagem do desenvolvimento fonológico.

Contrariamente a uma concepção do desenvolvimento fonológico enquanto pautado pela ordem e lei, a tendência actual vai, com efeito, para a valorização do estudo dos processos de simplificação fonológica nas crianças. Esta abordagem vem, por outro lado, suprir lacunas deixadas pelas primeiras explicações no que diz respeito à necessidade de integração deste tipo de estudos num nível correspondente à diversidade de línguas existentes no versal de aquisição, quando muitos fonemas não existem com uma frequência muito diferente de língua para língua.

Ingram (1976), foi um dos autores que mais contribuiu para a releitura do desenvolvimento fonológico, pois, concebeu este desenvolvimento como uma perda progressiva de processos de simplificação, naturais e normais em todas as crianças.

Em vez de uma aquisição progressiva dos diversos fonemas isoladamente, o desenvolvimento teria assim, antes, um carácter eliminativo, no sentido em que a criança estará mais desenvolvida quando se estiver libertado desses processos.

Parte II – Componente Empírica

1--Procedimentos Metodológicos

Segundo José Madureira Pinto e João Ferreira Almeida (1982: 84), “*os métodos têm assim, ao incidir sobre operações de pesquisa, uma relação de interioridade com as práticas de investigação: elas são as próprias práticas críticas de investigação (...) Representam um certo nível de controle interno e formal sobre as pesquisas à medida que estas se desenrolam*”. Ou seja, os métodos têm uma função essencial para pôr em prática e orientar toda a pesquisa.

Num primeiro momento, procuramos enunciar o projecto de investigação na forma de uma pergunta de partida, com o intuito de tentarmos exprimir o mais exactamente possível o que procuramos saber, elucidar, compreender melhor, isto é, “o primeiro momento é o da interrogação, do questionamento a certas dimensões da realidade” (Pinto, J. Madureira e Almeida, J. Ferreira)

Num segundo momento, apuramos os procedimentos metodológicos a serem utilizados na investigação em causa, sempre tendo em conta, a aquisição das consoantes oclusivas.

Madeleine Grawitz (1993) define *métodos como um conjunto concertado de operações que são realizadas para atingir um ou mais objectivos, um corpo de princípios que presidem a toda uma investigação organizada, um conjunto de normas que permitem seleccionar e coordenar as técnicas.*

A opção metodológica que escolhemos para este projecto de investigação, possui um carácter qualitativo, constituindo-se um Estudo de Caso, um dos modos possíveis no domínio das estratégias qualitativas.

Consideramos que esta metodologia é a mais adequada ao estudo, pois, queremos dar um enfoque às “ significações pessoais dos fenómenos, as suas representações, a natureza interactiva da sua construção e a necessidade de se colocar na perspectiva do outro como condição prévia ao conhecimento e à explicação do seu comportamento” (Simões, 1990;cit. in Freire e Almeida, 2003:101), ou seja, uma metodologia de análise de cariz indutivo, holístico e ideográfico, que estuda a realidade sem a fragmentar e sem a descontextualizar.

Por conseguinte, a nível metodológico a investigação de índole qualitativa baseia-se no método indutivo”... porque o investigador pretende desvendar a intenção, o propósito da acção, estudando-a na sua própria posição significativa, isto é o significado tem um valor inserido nesse contexto”(Pacheco, 1993:28), adoptando a postura de quem “...tenta compreender a situação sem impor expectativas prévias ao fenómeno estudado” (Mertens,1997:160”.

Ao utilizarmos, estudo de caso de natureza interpretativa/ qualitativa, utilizamos uma investigação empírica (Yin, 1994), que se baseia no raciocínio indutivo (Gomez e tal, 1996; Merriam,1998), que depende fortemente do trabalho de campo (Punch, 1998), que não é experimental (Ponte, 1994), que se baseia em fontes múltiplas e variadas.

Em síntese, o estudo de caso “ é a estratégia de investigação mais adequada quando queremos saber o “como” e o “porquê” de acontecimentos actuais, sobre os quais o investigador tem pouco ou nenhum controlo”(Yin, 1994:9), assim sendo “é uma investigação empírica que investiga um fenómeno no seu ambiente natural”(Yin, 1994:13).

Seguindo os passos de uma investigação referentes à definição do problema, da hipótese, das variáveis, do plano e da amostra, passamos para a fase de recolha de informação, isto é, saber o “que” e “como” vão ser recolhidos os dados e que instrumentos vão para o efeito serem utilizados. Nos planos de cariz qualitativo a recolha de dados baseia-se em notações e descrições,

No nosso estudo, o procedimento a ser utilizado na recolha de dados é a análise “ em que o investigador, mais do que observador procura “inferir traços, processos, significados e relações” (Charles, 1998:154), o investigador não vai para o terreno observar tudo o que se passa, mas apenas aquilo que interessa no contexto do seu estudo, ou seja, os objectivos específicos que procura alcançar.

Desta forma, lembrando, a direcção que conduziu este trabalho e que foi orientado pelas seguintes perguntas:

- O que conhecemos acerca da emissão das primeiras consoantes, no Português Europeu?

-O que sabemos acerca da emergência das consoantes oclusivas, do Português Europeu?

2- Definição do objectivo e tema de trabalho:

“A aquisição das consoantes oclusivas, no Português Europeu, em crianças até aos 3 anos de idade”

2.1-Variáveis Independentes

A nossa investigação, de carácter extensivo, incidirá sobre o grupo de crianças com idades compreendidas entre os 24 e 36 meses de idade, do Concelho de Matosinhos, que se encontrem na sala da creche.

2.2-Variáveis Dependentes

1-Análise de erro / acerto em 27 palavras, apresentadas através de imagens gráficas, com um total de 66 sílabas que contemplam as consoantes oclusivas [p,t,k,b,d,g], obtidas através de nomeação espontânea ou induzida, no conjunto das sete crianças.

2- Análise dos tipos de processos de simplificação que ocorrem nas sílabas das palavras que contêm as consoantes oclusivas.

3- Análise comparativa de erro / acerto em sílabas que contêm consoantes oclusivas em distintas posições na palavra (início, meio, final)

2.3-Amostra

A amostra foi estratificada em função das variáveis atrás referidas. A prova foi realizada com sete crianças (cinco do sexo feminino e duas do sexo masculino), repartidas por três faixas etárias: vinte e quatro, trinta e trinta e dois meses, com um desenvolvimento normal em todas as áreas. (Quadro 4)

Estas crianças frequentam a sala da creche do “Betucho”, localizado no concelho de Matosinhos.

	Faixa Etária
--	--------------

Sexo	24 Meses	30 Meses	36 Meses
Feminino	2	1	2
Masculino	----	2	----

Quadro 4- Número de crianças por Sexo e Faixa Etária

3- Instrumento de Avaliação

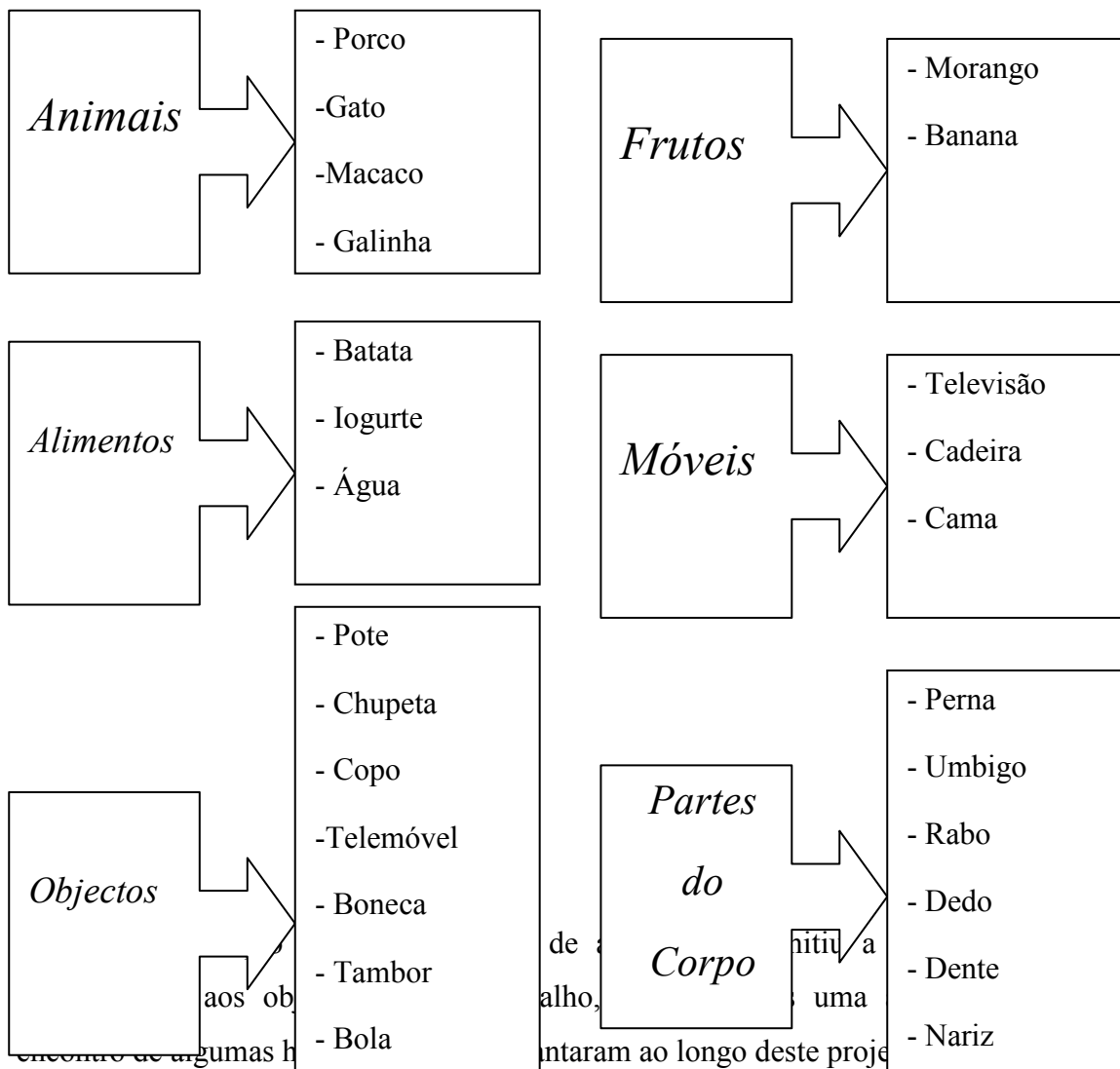
Nesta investigação propusemo-nos construir um instrumento de avaliação de forma a obter um conjunto de produções linguísticas infantis no âmbito do Português Europeu.

A prova consiste num conjunto de 27 imagens em formato de imagens reais, em que na apresentação de uma imagem a criança teria que nomeá-la.

A selecção destes estímulos teve em conta o objectivo de nomeação de um conjunto de palavras onde estivessem presentes as diferentes consoantes oclusivas. Na escolha das palavras esteve sempre presente a tentativa de aproximação ao universo cognitivo da criança.

Numa fase seguinte, foram seleccionadas distintas categorias de maior familiaridade semântica, admitindo palavras com duas, três e quatro sílabas e com fonemas anteriormente referidos.

Organização por categorias dos estímulos apresentados



Outro aspecto a considerar neste instrumento de análise, diz respeito á selecção dos estímulos nas suas diferentes posições silábicas (inicio, meio e fim).(Quadro 5)

Objectos nas suas diferentes posições silábicas

		Posição do Fonema na Sílab			
		FONEMA	INICIO	MEIO	FIM
ORAIS	SURDAS	/p/	porco pote	Chupeta sapato	copo roupa
		/t/	telemóvel tigela	batata	sapato iogurte
		/k/	cadeira cama	macaco	macaco
	NÃO VOZEADAS	/g/	galinha gato	iogurte agua	umbigo morango
		/b/	banana bola	umbigo	rabo tambor
		/d/	dedo dente	cadeira	dedo
NASAIS		/m/	macaco morango	telemóvel	cama
		/n/	nariz	boneca banana	perna banana
		/□/	-----	banheira	galinha

Quadro 5- Objectos nas suas diferentes posições silábicas.

Tendo em conta as idades que estavam a ser alvo de análise, optamos por uma recolha de fala espontânea num ambiente familiar da criança e sem ruídos, para que não houvesse possíveis distrações.

Sempre que consideramos necessário, utilizamos a fala induzida, através da elicitación de respostas, para que a criança pudesse emitir a palavra pretendida e verificarmos se o fonema em causa estava adquirido em todos os contextos, não adquirido, e quais os processos de simplificação mais presentes.

3.1- Descrição do instrumento

Em sala privada de ruído, de forma lúdica, foram introduzidas paulatinamente as imagens relativas ao instrumento atrás descrito, de forma a “provocar” na criança a nomeação espontânea das mesmas.

Quando a criança não produzia de forma automática / espontânea era-lhe oferecido o modelo verbal para que a criança o repetisse. A resposta foi gravada em áudio.

Posteriormente tais registos, foram analisados por duas pessoas (dois juízos) a fim de ajuizar sobre a “realidade” de tal produção que incidia, na presença / ausência de articulação de sílabas com consoantes oclusivas em diferentes tipos de palavras e posições na mesma.

Relembramos em seguida os estímulos apresentados:

Estimulo	Palavras
/ k /	cadeira – cama – boneca – copo – macaco - porco
/ p /	porco – sapato – copo – perna – pote - roupa
/ t /	tigela – sapato – dente – pote – batata – iogurte - tambor
/ b /	bola – boneca – rabo – umbigo – banana – batata - tambor
/ d /	dedo – dente
/ g /	gato – umbigo – galinha – água - iogurte

Quadro 6- Estímulos apresentados

3.2- Análise e Interpretação dos dados recolhidos

Os dados foram depois registados em grelha para o efeito. A análise dos resultados, feita de forma “caseira” sem recurso a qualquer programa estatístico, revelou o seguinte para a primeira variável:

Palavras

	cadeira	cama	boneca	copo	maca/co	porco
Criança 1	+	+	+	+	+	+
Criança 2	+	+	A.N.	Harmonia -	+	+
Criança 3	+	+	+	+	+	+
Criança 4	-	+	+	+	+	+
Criança 5	-	+	A.N.	+	+	+
Criança 6	A.N.	+	A.N.	+	A.N.	+
Criança 7	+	+	+	+	+	+

Quadro 7- Estimulo /k/

Ao analisarmos o quadro 7, referente à consoante oclusiva /k/, podemos constatar que em 42 palavras obtivemos um total de 34 sílabas correctas, 3 sílabas incorrectas (a harmonia consonantal foi considerada como incorrecta, pois, o que estava em análise era a consoante /k/ e a criança em vez de “copo”disse “pópo”) e 5 ausências de nomeação.

Atingimos assim, um total de 85% de concretizações para as palavras seleccionadas para o estimulo /k/.

Palavras							
	porco	sapato	copo	perna	chupeta	pote	roupa
Criança 1	+	+	+	+	+	+	+
Criança 2	+	+	Harmonia +	+	+	+	A.N.
Criança 3	+	+	+	A.N.	A.N.	+	A.N.
Criança 4	+	+	+	+	+	+	+

Criança 5	+	Harmonia +	+	+	-	A.N.	A.N.
Criança 6	+	A.N.	+	A.N.	+	+	A.N.
Criança 7	+	+	+	+	+	+	A.N.

Quadro 8 – Estimulo /p/

Ao analisarmos o quadro 8, referente à consoante oclusiva /p/, podemos constatar que em 49 palavras, obtivemos um total de 38 sílabas correctas (a harmonia consonantal foi considerada como correcta, pois, o que estava em análise era a consoante /p/ e a criança 5 em vez de “sapato” disse “papato” e a criança 2 em vez de “copo” disse “pópo”), 1 sílaba incorrecta e 10 ausências de nomeação.

Atingimos assim, um total de 84% de concretizações para as palavras seleccionadas para o estimulo /p/.

Palavras								
	tigela	sapato	dente	pote	batata	iogurte	telemóvel	tambor
Criança 1	+	+	+	+	+	+	+	+
Criança 2	-	+	+	+	A.N.	+	A.N.	+
Criança 3	+	+	+	+	A.N.	+	+	+
Criança 4	+	+	+	+	A.N.	+	A.N.	A.N.
Criança 5	A.N.	+	A.N.	+	A.N.	+	A.N.	-

Criança 6	A.N	+	A.N.	+	A.N.	+	A.N.	-
Criança 7	A.N	+	+	+	+	+	A.N.	+

Quadro 9- Estimulo /t/

Ao analisarmos o quadro 9, referente à consoante oclusiva /t/, podemos constatar que em 56 palavras, obtivemos um total de 37 sílabas correctas, 3 sílabas incorrectas e 16 ausências de nomeação.

Atingimos assim, um total de 79% de concretizações para as palavras seleccionadas para o estimulo /t/.

Palavras							
	bola	boneca	rabo	umbigo	banana	batata	tambor
Criança 1	+	-	+	+	+	+	+
Criança 2	+	A.N.	+	+	-	A.N.	+
Criança 3	+	-	+	A.N.	-	A.N.	+
Criança 4	+	-	+	+	-	A.N.	A.N.
Criança 5	+	A.N.	A.N.	+	+	A.N.	+

Criança 6	+	-	A.N.	+	A.N.	A.N.	-
Criança 7	+	+	+	+	-	A.N.	+

Quadro 10- Estimulo /b/

Ao analisarmos o quadro 10, referente à consoante oclusiva /b/, podemos constatar que em 42 palavras, obtivemos um total de 27 sílabas correctas, 9 sílabas incorrectas e 13 ausências de nomeação.

Atingimos assim, um total de 88% de concretizações para as palavras seleccionadas para o estímulo /b/.

Palavras			
	dente	cadeira	dedo
Criança 1	+	+	+
Criança 2	+	+	+
Criança 3	+	+	+
Criança 4	+	+	-
Criança 5	A.N.	-	-

Criança 6	A.N	A.N.	-
Criança 7	+	+	+

Quadro 11- Estimulo /d/

Ao analisarmos o quadro 11, referente à consoante oclusiva /d/, podemos constatar que em 21 palavras, obtivemos um total de 14 sílabas correctas, 4 sílabas incorrectas e 3 ausências de nomeação.

Atingimos assim, um total de 70% de concretizações para as palavras seleccionadas para o estímulo /d/.

Palavras					
	gato	umbigo	galinha	água	iogurte
Criança 1	+	+	+	+	+
Criança 2	+	+	+	Harmonia -	Harmonia -
Criança 3	+	A.N.	A.N.	+	+
Criança 4	+	+	+	Harmonia -	+

Criança 5	+	+	+	-	+
Criança 6	+	+	+	+	+
Criança 7	+	+	+	+	+

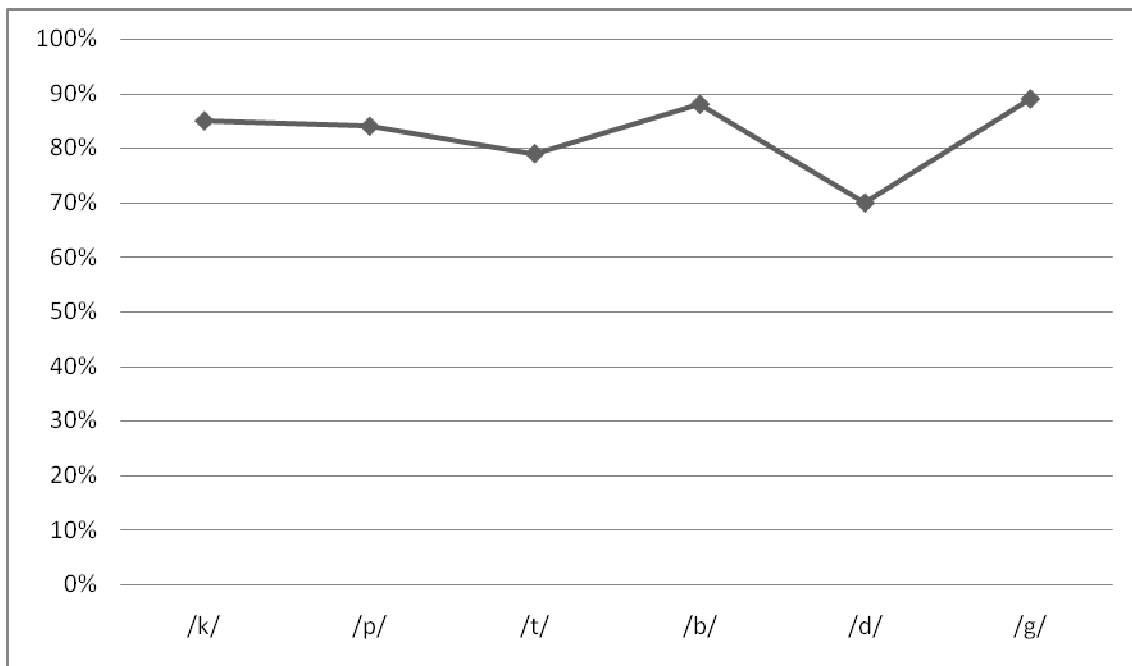
Quadro 12 – Estimulo /g/

Ao analisarmos o quadro 12, referente à consoante oclusiva /g/, podemos constatar que em 35 palavras, obtivemos um total de 29 sílabas correctas, 4 sílabas incorrectas (a harmonia consonantal foi considerada como incorrecta, pois, o que estava em análise era a consoante /g/ e a criança 2 em vez de “água”disse “aua” e a criança 4 em vez de “água” disse “ iaua”, o mesmo se passa para a palavra “iogurte” que a criança 2 disse “tute”) e 2 ausências de nomeação.

Atingimos assim um total de 89% de concretizações para as palavras seleccionadas para o estímulo /g/.

Ao fazermos o registo dos dados obtidos em gráfico e após análise dos resultados, podemos aferir que neste grupo de crianças observadas, o processo de aquisição das consoantes oclusivas está a decorrer na normalidade.

A totalidade da aquisição das consoantes oclusivas, deverá ocorrer até aos 36 meses.



Considerações Finais

Este trabalho foi uma mais-valia para a minha formação pessoal e profissional, na medida em que me proporcionou o contacto directo com uma temática ainda não explorada.

Foi também bastante enriquecedor, visto que, para além do estudo teórico relativo ao desenvolvimento fonológico, toda a parte teórica que veio reforçar os estudos teóricos sobre esta temática.

Não posso deixar de referir, que o facto de estar a trabalhar presentemente na creche, com o grupo de crianças estudado, foi importante para a escolha deste objecto de estudo.

Devido à sua complexidade e extensão, optei por me debruçar só na verificação da primeira variável dependente, ficando assim o desejo de mais tarde retomar este estudo.

Neste contexto, apuramos que apesar das diferentes faixas etárias, cada criança é um ser único, individual, com um ritmo de desenvolvimento próprio e, que apesar de não produzir um determinado fonema não podemos considerar uma criança com problemas articatórios. As crianças recorrem a diferentes estratégias de simplificação, que são para si processos de facilitação articatória, no decurso da aquisição normal da linguagem, com o objectivo de evoluir linguisticamente.

Em jeito de conclusão, faço minhas as palavras de Paulo Coelho, quando diz que *uma criança pode sempre ensinar três coisas a um adulto: a ficar contente sem motivo, a estar sempre ocupado com alguma coisa, e a saber exigir com toda a força aquilo que deseja.*

Bibliografia

ALMEIDA, João F. et al., *Da teoria á investigação empírica. Problemas metodológicos gerais* in PINTO, José Madureira e SILVA, Augusto Santos (org), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Ed. Afrontamento, pp. 55 - 69

CORREIA, Luís Miranda, (1997). *Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas Classes Regulares*. Porto: Porto Editora

FARIA, I. et al, (1996). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho

FONSECA, Vítor, (2000). *Necessidades da Criança em Idade Pré – Escolar*. Saber Educar, 5, Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, pp.16 – 71

KAPLAN & SADOCK (2000). *Compêndio de Psiquiatria - Ciência do Comportamento e Psiquiatria Clínica*. Artmed

LIMA, Rosa, (2000). *Linguagem Infantil: da normalidade à patologia*. Braga: Edições APPACDM

LIMA, Rosa, (2003). *Desenvolvimento Fonológico Infantil no Norte de Portugal*. Tese de Doutoramento, Salamanca

LIMA, Rosa, (2008). *Avaliação da Fonologia Infantil – Prova de Avaliação Fonológica em Formatos Silábicos*. Coimbra: Edições Almedina

MATEUS, Maria Helena; FALÉ, Isabel & Maria João FREITAS, (2005). *Fonética e Fonologia do Português*, Lisboa, Universidade Aberta.

MATEUS, M., ANDRADE, A., VIANA, M.,& VILLALVA, A. (1990). *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.

QUIVY, Raymond e CAMPENHOUD, L.V. (1998). *Manual de Investigação de Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva

RIGOLET, Sylviane, (1998). *Os Três P- Precoce, Progressivo, Positivo – Comunicação e Linguagem para uma Plena Expressão*. Porto: Porto Editora

REBELO, José Augusto da Silva (1993). *Dificuldades da Leitura e da Escrita em alunos do Ensino Básico*. Porto: Edições Asa

SIM-SIM, Inês, (1995). *Desenvolvimento da Linguagem*. Universidade Aberta

VYGOTSKY, L.S., (1979). *Pensamento e Linguagem*. Lisboa: Edições Antídoto